

Desventuras E Travessuras De Uma Amante Atrapalhada

Gilmar de Marco

ISBN 978-989-720-147-9 (Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Dedicatórias

Dedico esse livro a minha principal musa inspiradora, minha Rosa Azul, Lolita de cabelos brancos.

A todas as Universidades da Alemanha.

Aos meus amigos espalhados pelo mundo.

A incrível e velha Europa.

A Coimbra, terra realizadora de sonhos.

Aos meus amigos surrealistas.

E principalmente aos amores impossíveis que se realizam além de todas as convenções estabelecidas.

E a tudo o que fica escondido nas entrelinhas do mundo.

*Quando eu senti o teu abraço ali, pela primeira vez,
Aquele abraço forte, bonito e prolongado,
Todo o abraço esperado, amado e correspondido,
Ali, onde nem Colombo imaginaria descobrir,
O Novo mundo realmente encontrou a Europa,
Colombo sentiria inveja porque naquele abraço
Navegamos os dois no barco do verdadeiro amor.
Naquele instante eu morreria tranquilamente náufrago de teus beijos,
Queimaria alegremente no teu calor
E atravessaria o oceano quantas vezes fosse, mesmo a pé, a passo de pássaro
Apenas para ver teu sorriso lindo, e fazer florir na união desses dois mundos
A beleza de uma rosa azul.*

I – PRIMEIRA PARTE – PORTUGAL

1- Capítulo I - Enquanto Ela Existia Antes De Mim

1.1 – Seu Histórico De Amante Atrapalhada.

Ela, a tindhosa, a Cláudia. Sim, ela que me motiva a escrever.

Lembro – me dela anteriormente pelas memórias do que ela posteriormente me contara, sim, aconteceu muita e muita coisa entre nós todos, eu e ela inclusive de maneira muito especial e particular.

Deixe-me apresentá-la a vocês, se bem que alguns já devem conhecê-la, uns mais, outros menos, mas a Claudita trabalha como assistente de pesquisa numa Universidade em Frankfurt, fã do surrealismo português. Gostamos daquele livro “Apenas Uma Narrativa”, de António Pedro. Esse que vai tomar no Cú, mas de maneira surreal vai passar a ser um elogio.

Mas devaneando volto ao meu ponto. Sim, ela, ela mesma, a menina veneno, a tindhosa. Corpo de menina, inteligência acima da média, mesmo assim atrapalhada, bonita, olhos e boca grande num corpo peruano forjado no mundo alemão, sim, ela é alemã, filha de imigrantes, mais alemã do que os naturais arianos, uma flor, uma Rosa de Jericó, foi por ela que me apaixonei além de meus planos, é por ela que escrevo.

Ela aprendeu português quando estava tendo um caso com um português, um relacionamento aberto, coisas de rapariga sacana e portuguesa oportunista, mesmo assim era um romance, com direito a quizomba e verga. Esse também se fudeu com essa menina-mulher, menina-veneno, pois ela conheceu em algum momento o Arthur, um cara do Azerbaijão, um daqueles fudidos refugiados da guerra que se deu bem em Frankfurt trabalhando num banco. Foi com ele que ela fugiu do português e foi morar directamente em Frankfurt, nada mais alemão.

Começaram os dramas, os ciúmes, as discussões, traições e brigas, tudo ao gosto do freguês, e ela não havia encerrado a relação com o português, e isso se arrastou por alguns anos. Agora o traído era o Arthur, heroína terrível da vingança dela mesma entre todos, na primeira porrada que ela levou do marido, bem na boca, lá foi ela traí-lo com o português, que já tinha outra mulher, que nunca soube do caso. Traições à balda e de borla, traída por seus próprios sentimentos de puta na capa de uma menina estudante e correcta em todas as suas acções, seu estilo escondido, seu mistério, suas várias faces de puta

sofredora, a própria face sofrida da Madalena.

Sofrendo e fazendo os homens sofrerem no meio de gozos proibidos, assim eu a conheci, de fala mansa, quase tímida, quieta para suas acções mais obscuras que a natureza do adultério pode conceber.

Sempre achei que pessoas assim apenas existissem em contos de fadas, ou em páginas de livros inventados por outros, mas a vi ali como mulher de verdade, selvagem escondida, sempre com algumas anotações na mão.

Quando eu a conheci, estávamos ao lado da Igreja de São Roque, de frente a Hemeroteca fechada, chegamos adiantados no mesmo horário, ela sorriu e meu mundo naquele momento nunca mais foi o mesmo. Me apaixonei na hora, uma paixão sem explicação, fulminante, absurda, e vi que da parte dela ocorria algo similar.

Sentamos ao pé da Igreja, conversamos, eu suava ao ver sua beleza e sofrimento, ela sentia, percebia tudo, ela me queria. Fiquei sem fôlego, estava quente com ternura infernal, nem sabia mais onde estava, é que eu estava com ela, a desventurada amante atrapalhada. Trocamos contactos, depois joguei o e mail dela fora, mesmo assim eu esqueci que havia anotado no caderno dela, e depois ela me procurou, procurou muito, e achou-me. Mais uma vez o par de cornos no Arthur, e no português.

Tornei-me amante dela.

1.2 – Amantes

Ela sempre aproveitou suas pesquisas de Erasmus e etc para vir a Lisboa, assim ela utilizava-se de sua bolsa de estudos como assistente de pesquisa enquanto completava seu doutorado, criando possibilidades para ir ter com namoradinhos ou amantes. Nem sempre rolava sexo, mas muitos beijos e abraços escondidos, sempre muitos homens, sempre paparicada, sempre professora. Foi numa dessas viagens a Lisboa que nos conhecemos, ela já estava no ramo de desventuras amorosas como amante atrapalhada fazia alguns anos, ela gostou de mim.

Tudo ficou diferente no enlace de nossas vidas quando nos apaixonamos.

Lembro que partilhamos juntos o projecto do livro “A Taverna de Cronos”, isso foi bonito, esse foi o enredo do enlace, a taverna serviu de início de romance.

Bonita, meiga e charmosa, magra, com fortes tendências vegetarianas e sol, nossa, como ela gosta do sol, a sua luz dourada em sua pele macia em seus cabelos brancos. Sim, ela tem muitos cabelos brancos, embora não tenha mais do que 30 anos, é a única mulher de cabelos brancos que me encantou daquela maneira, enquanto o marido trabalhava e gostava de correr maratonas, lembro que ele, em sua última corrida na maratona de Frankfurt

chegou aos 35 quilômetros, depois vomitou e não completou a prova. O par de cornos era muito grande e pesava sobre sua cabeça de marido traído, enquanto ela também vomitava, como uma espécie de apoio moral, uma meia culpa. Em seguida ela o deixou, ele não ganhou a maratona e não embolsou os euros que fariam toda a diferença na relação dos dois, mesmo ele também tendo uma amante, um travesti, na verdade, são coisas que apeteçam mais a homens iguais a ele.

1.3 – Antes Do Ato , Éramos Amantes Virtuais

A comunicação pela internet ficava mais intensa, o marido nem desconfiava, pois ela usava o e mail do trabalho, da Universidade, muitas de suas idéias nasciam dali, da literatura romântica em que ela é fã e pesquisadora. Não havia nada de muito quente ou picante em nossos contactos, mas havia ali um desejo, a vontade de estarmos juntos. Eu sabia que ela tinha o marido, e confesso que era uma experiência nova pra mim entrar nessa de ser amante, no início pensei em fazer isso apenas para ver como era, experimentar um novo papel na vida, um papel torto, e depois vi o resultado, o apaixonamento mútuo, as consequências de tudo.

2– Encontro

2.1 – A Expectativa De Um Amor Proibido

Me dava um frio na barriga viver a expectativa de um amor proibido, o tesão e o carinho que sentíamos um pelo outro pulsava para além de nossos dedos no teclado, para além dos outros, para além de nós mesmos.

Íríamos nos encontrar em muito breve, ela conseguira novamente fazer de suas pesquisas a geradora de mais uma situação de encontro, e dessa vez eu estava no seu caminho, um caminho de frutas vermelhas, cobiça, pecado, sim, tudo isso existe, tudo isso é triste, tudo isso é fado, estranha forma de vida Lisboa, uma vida torta e linda.

Ela me enviou uma foto na véspera, com um olhar específico para mim, a foto havia sido tirada por ele, que nem desconfiava da situação, a foto foi enviada com todo o carinho de outro que seria eu em Lisboa.

Fugir daquela vida anônima de Frankfurt, uma vida tão fria e sofisticada dentro de si mesma que apenas os alemães entendem aquilo ser bom, um mundo rico, perfeito, mas cheio de problemas tão latinos quanto em qualquer lugar da América do Sul, são pessoas, com problemas e carências afectivas que apenas quem vive um frio de menos vinte graus pode entender. Eu já senti esse frio, e entendo porque todos esses povos, criticando a economia e o estilo de vida português mesmo assim resolvem vir aqui, passar férias e gozar de uma liberdade impossível em outros lugares da Europa, aqui os alemães, japoneses e todos os povos civilizados vem curtir esse jardim de todos que é

Portugal, o jardim europeu das estranhas formas de vida.

2.2 – O Encontro

Ali nos encontramos pela segunda vez, com segundas intenções, segundas perspectivas um do outro, tudo uma segunda vez, ali, no Centro Comercial Colombo, em frente ao cinema, não era um filme, mas éramos os protagonistas principais dessa linda história. Eu a vi ali, maluquinha, buscando-me, meu coração ansiava a sua presença, voltei a ter 16 anos, sentia-a como se fosse a minha primeira namorada enquanto eu ali a observava me procurando.

Nos encontramos.

Ela estava muito nervosa, respirava fundo, fui pegar na mão dela para tranquilizá-la de seu ato subversivo adúltero, para minha surpresa, negou-me a mão, e não seria essa a primeira vez em que isso aconteceria. Insisti, comecei a brincar de pegar dedos, sorri para ela, fazendo gestos com a mão, procurando me aproximar, até que ela enfim pegou-me na mão, perguntei sobre o voo, sobre suas pesquisas, sobre sua vida longe da sombra do outro, o corno. Ali comecei a sentir as delícias de ser um amante, e vi que ser o terceiro no esquema dos sentimentos é algo atrapalhado por natureza, algo torto, vergado à esquerda das convenções estabelecidas.

Caminhando e trocando sorrisos desde a última vez que nos vimos no início do bairro alto, onde lá eu coloquei uma rosa azul porque é assim que eu a vejo, a minha rosa azul, foi lá, num dos e mails que eu a avisei, coloquei lá em homenagem a ela, que me respondeu acerca daquele lugar onde nos apaixonamos, foi ali ao pé da Igreja de São Roque que ela havia beijado o marido pela primeira vez. Fiquei arrasado, esqueci disso, e lembro de vez em quando ainda, mas quando andávamos de mãos dadas pelo Colombo de nada disso eu recordava, eu não queria recordar, ou acreditar, ela ali, linda, de peito e sorriso aberto, toda sentimento, aquele anjo que só queria amor e carinho, ali apenas para mim, enquanto o marido aguardava feliz a sua volta para Frankfurt, agarrando seu amante travesti alemão. Não tenho nada contra os alemães, mas sei que os travestis de lá buscam a perfeição em arrumar homens casados, tudo muito discreto e elegante.

Num determinado momento enquanto estávamos encantados um pelo outro, a Cláudia-Flores me abraçou de maneira tão profunda que achei estar eu desmanchando-me e morrendo de tanto amor, nada mais me importava naquele momento, a poesia expressa bem o que se passou ali:

Quando eu senti o teu abraço ali, pela primeira vez,
Aquele abraço forte, bonito e prolongado,
Todo o abraço esperado, amado e correspondido,

Ali, onde nem Colombo imaginaria descobrir,
O Novo mundo realmente encontrou a Europa,
Colombo sentiria inveja porque naquele abraço
Navegamos os dois no barco do verdadeiro amor.
Naquele instante eu morreria tranquilamente náufrago de teus beijos,
Queimaria alegremente no teu calor
E atravessaria o oceano quantas vezes fosse, mesmo a pé, a passo de pássaro
Apenas para ver teu sorriso lindo, e fazer florir na união desses dois mundos
A beleza de uma rosa azul.

2.3 - O Primeiro Passeio Em Lisboa

O primeiro passeio em Lisboa foi ótimo, mãos dadas a caminhar pelas voltas da parte nova da cidade, na Gare do Oriente. Ela toda cheia de charme, feliz por ter feito as suas pesquisas durante o dia na Calouste Gulbenkian e estarmos ali, levei a Cláudia-Flores ao Casino, mas ela não gostou muito, disse-me que não era um lugar confiável.

Nada mais apropriado, pensei eu comigo mesmo; mas de qualquer maneira resolvi sair daquele lugar com ela.

Sempre de mãos dadas, ela agora mais tranquila. Me aproximei mais dela naquelas ruas de Lisboa, linda Lisboa, aconcheguei-me a ela para beijá-la, toca o telefone bem na hora, e pela primeira vez vi ela falando em alemão. A Cláudia-Flores fala muitas línguas, mas era a primeira vez que a vi ali, em seu linguajar perfeito a mentir para o marido, desejando abraços e beijos visto o marido estar preocupado com a lindinha inocente, mas ali, abraçada comigo.

Ela desligou o telefone e eu a senti perturbada, comecei a ver que não era fácil para nós dois bancarmos a cena dos infiéis, dos hereges em prol de um amor proibido. Sentamos no banco da praça mais próxima, completamente atrapalhados estávamos naquele momento, mas logo ela se acalmou nos meus braços, eu disse a ela que ele lá está bem, mas eu disse isso imaginando-o com o travesti alemão, viva António Pedro em sua narrativa surrealista.

Depois do incidente, fomos jantar tranquilamente mesmo ali em algum lugar da Gare do Oriente. E ali eu compreendi, enquanto amante, a verdadeira face da natureza das mulheres, elas querem apenas amar, são tão simples que ficam complicadas.

3– Encontros

3.1 – Nossos Encontros Nesse Verão De Lisboa

Foi em 2011 exactamente, verão quente em Lisboa, foi ali que começamos a dar nossas voltas, eu, o Gilmar de Marco e a Cláudia Quadra Flores. Depois daquele encontro na Colombo, começamos a organizar nossos encontros. Ela fazia as pesquisas o mais simples e rápido possível para passarmos mais tempo juntos, e assim foi feito. Ela me ligava dizendo já estar disponível, e eu ia ao encontro dela, sempre em lugares diferentes, longe, porque os estudantes poderiam nos ver e isso poderia trazer complicações, num cargo de confiança situações assim são inaceitáveis, ela tem de esconder que não é assim uma mulher tão séria para ser professora, então mantinha esse jeito escondido que para ela é fácil, afinal de contas ela vive em Frankfurt.

Passamos mesmo uma semana incrível, mas sempre o telefone tocava, ou ela tinha de ir sempre a casa de banho resolver algo com seus *sms*, enviar mensagens e organizar outros esquemas para que eu não pudesse ver, um dia reclamei, os *sms* silenciaram enquanto o aumento a idas em casas de banho aumentavam. Era mesmo tudo escondido. Preferes uma verdade fraca ou uma mentira forte? Eu respondi pra ela que prefiro a verdade forte, ela brincava dizendo que uma verdade fraca já era forte o suficiente, essas cenas, eu me sentia um capacho às vezes, noutras vezes o cafajeste, e algumas vezes eu era o herói de toda essa javalice, ser amante era mesmo estranho, era a minha primeira experiência assim na Europa e Intercultural, tudo muito diferente de tudo o que eu já tinha vivido antes, porque ela era tão doce, meiga, tão assustadoramente inocente, eu não conseguia julgá-la e nem queria, pois nosso filme não tinha mocinhos, apenas bandidos, andávamos todos tortos, mas amando.

3.2- Os Passeios

Lembro quando passeamos na beira do Tejo, de pés descalços sorrindo e de mãos dadas, nós dois dourando sobre a intensa luminosidade desse maravilhoso rio e do ar marítimo que Lisboa sabe ter, ela Afrodite, minha mestra. Eu, apenas amando-a sem critérios. Amo-te, linda, até hoje, enquanto escrevo.

No dia seguinte àquele abraço na Colombo, começamos aos beijos, beijos tímidos, selinhos de boca à boca, parecia mesmo a primeira namorada. Depois os beijos começaram a ficar mais quentes, mais românticos, mais bonitos. Ela sentia-se com 17 anos, eu com 20. Os olhos demonstravam brilho enquanto passeávamos, por vezes na Baixa-Chiado, outras vezes pelo Rossio, numa dessas oportunidades ela, toda artista e pintora e amante de fotografias, fez uma foto de minha orelha.

É por tua orelha que me apaixonei; dizia ela.

Andamos mesmo por tudo dentro da cidade de Lisboa, vimos muitos espectáculos de rua, sempre abraçados ou de mãos dadas, nós já não nos

importávamos de sermos vistos, a felicidade compartilhada era imensa, tudo o que o marido não podia dar.

Andamos assim, entre gelados e sorrisos, falando sobre nada, conversando mais a linguagem dos sentimentos, mais não era necessário dizer. Ela fazia charme, poses sensuais, deixava-me agarrá-la por trás em lugares ermos bem na luz do dia, ela gostava de se sentir desejada, e eu andava muito excitado com tudo o que se passava, e surgiu a vontade, primeiro de minha parte, depois da parte dela, de fazermos sexo em meio a esse romance, isso para nós era a última fronteira a ser ultrapassada, romper com todos os valores moralmente estabelecidos e sim, consumir o ato carnal com a mulher do próximo para mim foi deveras excitante apenas a idéia, a prática disso me dava um frio na barriga.

Um dia eu fiquei chateado com ela, eu queria mesmo comê-la, mas quem come é a mulher dizia um amigo meu, porque ela é que tem a boca. Sempre fiquei pensando nessa cena de fudas, a mulher tem tudo lá, o homem anda como qualquer coisa manual nesse sentido, tem de se esforçar para o gozo, para a mulher é tudo automático, é necessário apenas activá-la, mas o combustível comum é a excitação das preliminares.

Para ela sempre foi um tabu essa coisa de sexo fora do casamento, sempre uma experiência nova, sempre como se fosse a primeira vez que ela o traía, assim ela pensava, mas era uma coisa da cabeça dela, porque vim depois a saber que a moça em questão pensava diferente dos latinos, compartimentava suas experiências sempre em caixas separadas na sua memória, separando os eventos como se fossem um quadro ou pintura, unindo todas as cenas nela mesma. O que ela não sabe é que algumas vezes os eventos vão além das conexões que ela faz dentro dela mesma, ou seja, as caixas de eventos podem se comunicar independentemente entre elas, aleatoriamente a própria Cláudia-Flores, e é o que tem ocorrido sempre o que muitas vezes a deixa mais maluca e atrapalhada do que o normal.

4– O Sexo

4.1 – Como Combinamos O Ato

Fazia alguns dias que o nosso desejo por sexo aumentava, e não via nela a maneira correcta nem o lugar para consumir o ato, e estava chegando próximo do meu aniversário, um dia desses de Setembro.

Pensei em pedir o meu presente, afinal de contas o desejo de um pelo outro era enorme, tudo isso acontecia enquanto o Arthur, o marido treinava para disputar a maratona de Frankfurt. Ele ligava pra ela de vez em quando, eu presenciava, estávamos agarradinhos um no outro enquanto ela estava feliz falando com ele ao telefone. Eu sempre tive uma sensação misturada quando isso acontecia, me colocava na situação do marido, e se fosse a minha esposa, e se eu estivesse no lugar do outro em algum momento?

Mas os beijinhos dela enquanto roçava a perna em mim fazia com que meus pensamentos moralistas desaparecessem mais rápido do que um avião em velocidade de cruzeiro.

Era demais, era questão de tempo, iríamos para a cama. Na antevéspera do meu aniversário, numa noite lá no Jardim de Telheiras, pedi a ela para passar a noite comigo, ela ficou um pouco perturbada por alguns momentos e depois respirou fundo e disse que tudo bem, mas sem sexo.

Ela se fazia de difícil, assim eu ficava com mais vontade, com o passar do tempo a idéia de sermos amantes ficou sendo lugar comum, temos nosso próprio espaço para nos amarmos, um romance secreto, clandestino, um calor que subia, um grande calor.

4.2 – No Dia

Alugamos duas bicicletas velhas na Gare do Oriente e fomos passear pela beira do Tejo, conversando sobre a minha aflição sobre tudo o que estava acontecendo, meu papel de amante, ela adúltera, e agora o que fazer com isso? Havia sentimento ali já entre nós dois, e agora não sabíamos mais o que fazer com isso.

Foi então que ela pegou a minha mão, enquanto andávamos de bicicleta. Ali naquele gesto houve realmente o sentimento profundo entre nós dois, e o consentimento dela.

Toca o telefone, era um dos amigos dela, me senti mal, ela percebeu. Um dos amigos da região do Minho, onde ela faz pesquisa sobre o António Pedro, era o filho ou neto ou amigo ou sei lá, era um outro, dizendo que estava em Lisboa e queria convidá-la para um jantar. Vi que ela agradeceu e disse que já tinha outro compromisso, eu era esse compromisso, essa noite, meu aniversário, o adultério final, o paganismo completo. Me senti vitorioso total, sobre o marido, o amigo e os outros, sobre ela me sentiria em gozo depois. Mas ela não deixou de dar uma deixa, do tipo, numa próxima oportunidade...mulher maldita, um dia, pensei, eu haveria de escrever sobre ela, a Cláudia-Flores.

Algum tempo depois, no futuro, descobri que ela sofria de esquizofrenia e transtorno de personalidade, isso justificava alguns actos dos quais ela não se lembrava, no início achei que era apenas subterfúgio de malandra, mas era isso e além disso, ela era mesmo doente. Vi pela primeira vez um dos sintomas, quando ela começou a chutar as pedras das calçadas lisboetas e começava a falar em alemão para alguém que apenas ela via. Fiquei preocupado, pensei que a situação havia deixado ela louca, mas não era assim, isso já se arrastava com ela fazia alguns anos, provavelmente porque o marido a agredia. Cansei de vê-la em ocasiões diversas quando ela ia me encontrar vindo directamente de Frankfurt, via as marcas roxas em seu rosto, e

depois no corpo, e isso não era culpa apenas dele, ela também machucava-se a si mesma, são horrores que vieram junto no pacote dessas situações em que andava aí como amante lisboeta.

Mas voltando ao ponto bonito da história, organizei um peixinho, eu iria cozinhar pra ela, sim, comida mediterrânea, com salmão ao molho do Norte do Brasil, um arroz bem soltinho, uma mesa antiga que eu mesmo havia restaurado, um vinho italiano, tudo como deve ser para que o ato profano fosse desfrutado ao máximo por nós dois. Coloquei a mesa no meu quarto para deixá-la mais a vontade, a música, o vinho e a boa comida fariam a magia acontecer, era o meu aniversário, tudo muito lindo. A cama logo ao lado.

Sentia a rapariga um pouco agitada, disse-me que ela talvez não devesse estar ali. Eu não forcei nada, eu disse que ela podia ir embora se ela quisesse, afinal de contas, ela veio me procurar, sempre foi assim.

Ela ficou, queria desfrutar do jantar, e do meu corpo. Jantamos rápido, andávamos já com outro tipo de fome, um apetite sexual que não podia mais esperar, ela disse que jantar e namorar era ótimo para que assim possamos ficar felizes.

Jantamos mesmo rápido, e mais rápido retirei a mesa do quarto, ela foi à casa de banho enquanto isso. Voltamos preparados, ela deitou-se na beirada da cama levantando suas ancas ainda de roupa, entrei por baixo da camisola dela, ficamos atrapalhados, ela retirou sua roupinha de princesa linda vermelha estilo peruano, estendeu seu pezinho de fada adúltera no meu pau, que já estava em posição de combate. Quando retirei sua calcinha, ela também estava toda pronta, deliciosa, nem retirei toda sua calça e a penetrei ali mesmo, eu já não sabia mais nem onde eu estava de tanto prazer, ela também sentia o mesmo. Ali naquele momento não existia mais homem, mulher, cenas, adultério, marido ou outros, existia ali apenas nós dois, apenas um único ser unidos além de todas as convenções, nunca senti antes tanta pureza compartilhada e unida, ela me deu a sua mão, as duas mãos, lindamente romântico e perfeito, melhor do que Romeu e Julieta, foi esse sentimento de amor profundo que nasceu ali, foi isso que mudou no futuro o curso de nossas vidas para sempre, nada mais foi o mesmo para nós depois daquela noite inesquecível, uma noite que se repetiu por várias vezes em momentos diferentes de nossas vidas.

5– No Outro Dia

5.1 – O Dia A Seguir Ao Meu Aniversário

Nesse dia ela teria que seguir com suas pesquisas para a região do Minho, e fazer algumas incursões pela fronteira espanhola, afinal de contas o dinheiro alemão teria de ser bem gasto com as pesquisas, a Universidade em Frankfurt a esperava. E lá foi ela, visitar um parente do António Pedro, buscar

alguns originais, pesquisar. Nesse dia ela deixou a mala na minha casa, queria andar mais leve por lá, mais gira, mais ela. Isso era um bom sinal, ela gostou de mim e queria me ver de novo. Fiquei me lembrando do presente que ela me deu, mas também fiquei com duas pérolas verdadeiras numa caixinha do signo de caranguejo, o signo dela, também vi suas acções de ladinho como uma legítima representante desse símbolo.

Também ganhei uma rosa azul e uma vela redonda; tens de ser redondo para viver assim, disse-me ela. Os doces e um raro vinho alemão fui bebendo depois, ela tinha estilo e sabia agradar os homens quando ela queria, escondendo-os depois todos eles dentro dela, sem que em geral eles soubessem. Coleccionadora de homens, mas não era bem assim, tinha de rolar paixão, amor, sentimento, era isso que a deixava atrapalhada, afinal de contas, era uma mulher, uma fêmea, e toda sentimento, e ela não queria magoar os seus homens, nenhum deles, guardava-os cada um em seu lugar, em suas caixinhas, em alguma parte dela, passavam a ser assim algo de dentro dela, como eu sou até hoje. Ela roubou meu coração bem de mansinho, como as melhores ladras podem e sabem fazer.

Enquanto ela partia, eu observava de longe aquela mala no meu quarto, pensando nela, sabendo que eu também tinha ficado com o seu coração.

5.2 - Fiquei Reflectindo Sobre Nós

Depois caí na real, eu havia me transformado mesmo num amante, o amante da Cláudia-Flores. Enquanto ela pesquisava sobre novidades no Minho, resolvi reflectir acerca de minha nova situação romântica com ela, sobre o que poderia sair disso, onde eu iria ou ficaria nessa história e sobre o agravante dos sintomas dela de esquizofrenia e múltiplas personalidades, isso também me deixava um bocado baralhado. Precisei pensar sobre tudo o que aconteceu entre nós e acerca de tudo o que sentíamos um pelo outro.

Por mais que eu reflectisse sobre tudo, o calor do momento me impedia de realizar qualquer tipo de pensamento lúcido acerca de tudo o que estávamos vivendo, eu a esperava apenas para mais romance, mais sexo, mais tudo, enquanto eu comia os doces que ela me dera de presente de aniversário.

A espera parecia uma eternidade sem fim, eu só queria tocá-la, acariciá-la como apenas um amante sabe fazer, curtir novamente, aproveitar a vida que lhe foi negada em seu mundo alemão, uma vida possível em Lisboa, uma vida de mulher livre, solteira, sem as mágoas e os golpes do marido. Mesmo assim uma vida torta, uma vida que trouxe consequências para o futuro, muitas dores e mágoas, e eu não escapei disso, descobri que mesmo sendo amante, era uma relação, havia o elemento da cumplicidade, mas foi o amor que nasceu em nós dois que fudeu com toda a cena, não sei exactamente o momento, mas foi acontecendo, lembro de cenas vívidas em que isso aparecia em extrema alegria, numa das vezes em que eu a acompanhei para comprar roupas para o marido dela.

É para o senhor? Perguntou a atendente ao nos ver de mãos dadas na loja em questão que ficava no Rossio.

Não, é para o marido dela.

Sempre surgiam cenas assim, estranhas, não nos importávamos mais que nos víssemos juntos, tão completos e felizes estávamos.

5.3 – Quando Ela Voltou Do Minho Passando Pela Espanha

Ansioso para vê-la, combinamos de nos encontrar na Alameda, ela antes iria passar em seu cantinho, um hostel bem confortável e privativo, ela iria ajeitar-se, coisas de mulher, e depois iria me ver. Foi nesse momento que comecei a ver nela os comportamentos estranhos que depois vieram a se agravar pela doença que ela escondia, pior, não aceitava que tinha, os seus transtornos de personalidade e alguma esquizofrenia e histeria, ser amante de uma mulher assim não era tarefa fácil, foi necessário um trabalho interno constante e diário para eu não ficar doente e cheio de dores de amor, mas isso não foi o suficiente, no futuro também fiquei assim, muito mal com tudo o que aconteceu. Mal, mas não arrependido, curti e aproveitei tudo, mas vi as consequências logo adiante.

Eu a vi na Alameda, linda, bronzeada pelo sol do Minho, radiante, uma bela flor. Nos abraçamos felizes ali onde também brilhava o sol para os adúlteros nessa Lisboa querida, nos beijamos, e vi nela, ao beijá-la, um gosto de bebida forte, um bafo de cachaça, uma certa embriaguez de quem certamente foi comida na farra e nem deu por isso e nunca iria dizer, nem a ela mesma, e do lado de seu rosto uma marca roxa. Fiquei ali pensativo, mas ainda abraçando-a, comentei sobre a marca, ela não sabia o que era, nem tinha visto aquilo, abracei-a por trás para sentir melhor seu corpinho, respirei fundo, meu trabalho interno de amante não podia exigir cobranças, isso ficava a cargo do marido, não de mim, o Gilmar de Marco.

Respiro fundo e relaxo, ainda estou ali com ela, curtindo o sol lisboeta na Alameda, quando toca o telefone, era ele, o Arthur, marido. Ela olha rapidamente pra mim, pega na minha mão, na minha bunda, na minha barriga como se eu fosse fugir dali, fazia isso roçando-me enquanto falava com ele, contando como foi as suas pesquisas e aventuras de professora séria, de mulher dedicada a um só homem apenas, enquanto ele dizia estar treinando para a maratona de Frankfurt, que contava com o apoio dela e etc, tudo em alemão, eu percebendo tudo. Sempre me pareceu uma figura alienígena essa Cláudia-Flores quando falava em alemão em Lisboa com o marido, parecia ser outra Cláudia, e era, uma Cláudia que eu conheci no futuro, quando eu já estava na Alemanha, em Frankfurt, e vi que mesmo lá ela era um alien, um ser de outro mundo, um bicho estranho, algo severo e sério, algo escondida, sim, também conheci a Cláudia na versão de lá, no original. Conheci a Cláudia feia, infelizmente, mas conheci-a, e a levei para a cama assim mesmo várias vezes, afinal de contas sou Latino-Americano, sou De Marco.

Ela me contou que no Minho faziam jantares e festas e muitas

diversões, enviava-me *sms*, não gostava de falar muito ao telefone, sempre foi o seu tabu, afinal de contas o português não era nem a sua segunda língua. Ela fez muitas coisas lá que nunca vai contar pra ninguém, mas sei que todos os anos ela aparece por Portugal, afinal de contas, aqui ela pode ter mesmo outra vida, embora tudo agora para ela tenha ficado diferente. Ela sempre disse que queria ter filhos, mas nunca tem, o estilo de vida que ela leva hoje não permite esses abusos, e de certa forma concordo com ela, se vais ser irresponsável com responsabilidade, melhor não conceber crianças.

6.0 – Comportamentos Estranhos

6.1 – Quando Eu Comecei A Perceber Suas Reacções

Diversas vezes nos e-mails eu percebi que ela falava em algo chamado hiper-reacção, quando ela tinha de dar aulas ou palestras na Universidade, ficava eléctrica como se tivesse tomado ecstasy, e muitas vezes no decorrer de seu dia como professora dedicada aos estudos universitários, chorava escondida na casa de banho, para aliviar o stress da situação. Vi ali que algo não corria bem nessa cabecinha maluquinha, isso somado ao stress de estar casada com um homem violento, nunca entendi porque ela nunca o denunciou, mas agora, muito tempo depois, eu vi em mim; ela também agride e ataca, já fui mordido e tive meus cabelos puxados em Frankfurt numa de suas crises doentias, o pior é que culpava-me, hoje ela reconhece que já tinha o problema, espero que esteja curando-se de suas dores que só ela tem e sabe ter.

Mas voltando ao período bonito, lisboeta, romântico e perfeito. Um dia estávamos caminhando próximo da igreja de São Roque novamente, e ela precisava ver um alfarrabista, um desses tipos que vendem livros antigos, mas ela disse para eu esperar ali porque ela precisava fazer com ele algo escondido. Eu o vi de longe, gordo, velho e careca, fiquei fudido com esse pedido, larguei ela ali mesmo mandando-a para o caralho, e fui pra casa. Ela me ligava desesperada, disse que me procurou no bairro alto e não me achou. Ela foi atrás de mim, implorando, querendo explicar o inexplicável, depois fiquei sabendo que era alguma falcatura relacionada com recibos e impostos que ela descontaria e receberia o dinheiro de volta na Alemanha como turista, não sei bem como isso funciona, nem tentei descobrir, mas isso não vem ao caso agora.

Quando ela resolveu aparecer em Lisboa, pediu-me para não esperá-la no aeroporto, contou-me uma cena de uns anos atrás em que um outro amigo seu ficou em cima de uma árvore, e quando ela estava chegando na hospedaria, ele gritou lá de cima: Surpresa!

Fiquei pensando que se uma gaja estivesse me esperando em um outro País em cima de uma árvore para me dar uma surpresa, provavelmente eu acharia estranho. Ela achou que eu, De Marco, iria fazer o mesmo, que idéias, Cláudia-Flores. Posso escrever um livro sobre nós, mas esperar-te em cima de uma árvore, valha-me as barbas do profeta, mas isso é coisa de cromos, hehehe; isso é mesmo divertido escrever sobre você, maluquinha escondida, foi como o seu professor a chamou uma vez, numa conversinha particular.

Tudo muito estranho, maluco e surreal, vou lembrando e contando a vocês. Fico pensando como esse livro ficaria traduzido em alemão, uma língua cheia de truques e macetes, pensado nesse idioma é mesmo uma experiência interessantíssima. Escrevo porque sou escritor e esse é meu ofício, a história é boa e sei que o público em geral vai adorar, e deixo aqui bem claro que escrevo ficção, nunca sobre pessoas reais, os nomes e personagens são mera imaginação, típico do meu processo criativo como escritor, típico da minha liberdade de expressão no mundo democrático, uso nomes comuns como todos os grandes escritores fazem quando querem caracterizar bem as vivências de seu imaginário.

6.2 – Quando Estávamos Juntos Em Nosso Passeio Por Lisboa

Outra das reações estranhas da Claudita era o intenso olhar que ela deslocava nas pessoas. Sim, ela é pintora também, e de olhar artista o inferno já tá cheio, era sempre exagerado, ela ficava hipnotizada com as figuras lisboetas que passeavam por Alfama, pelo Rossio e dentro do meu apartamento. Lisboa é uma pintura, é mesmo de se contemplar. De vez em quando ela tirava fotos, era como se ela devorasse a imagem, praticamente algo cinestésico, mágico, ela também me olhava assim, e claro, ela me devorou.

Tremia, sim, tremia. Isso vi várias vezes enquanto passeávamos ou jantávamos, e não era de frio, pois estávamos no alto do verão na Europa, melhor dizendo, uma primavera super quente de muita luminosidade que poucas cidades do mundo sabem ter. Um dia levantei o braço para pegar uma taça de vinho, e ela tremeu. Ali vi os maus tratos que o verdugo a quem ela chamava de marido lhe proporcionava, mas ela também aprontava das suas, vingava-se comigo, e divertindo-se com outros, com e sem sexo, coisas de mulher.

Às vezes ela esquecia o que dizia, no início achei que era parte do papel de amante, esquecer certas coisas, mas com o tempo vi que a Cláudia Flores não lembrava mesmo de certos dizeres ou atos, ali vi que tinha algo de muito errado com ela e comecei a repensar no meu papel de amante, mas o amor e a paixão vieram em primeiro plano, a vida dela de Lisboa era limitada e um dia ela teria de voltar ao mundo alemão com suas obrigações, seus anonimatos e sua vida urbana solitária, então resolvemos aproveitar o máximo que podíamos juntos, com todo o amor e carinho que casais apaixonados verdadeiramente podem dar-se.

Doamo-nos completamente e de corpo e alma um ao outro, apaixonamo-nos profundamente, nasceu ali o amor, um casal adúltero apaixonado, mesmo assim um casal com mais intensidade de sentimentos do que muitos que votaram no altar em grinaldas e fatinhos, nada contra, curto mesmo essas cenas de casamento bonito e tal, mas apenas coloquei assim para exemplificar que no nosso caso era diferente, torto, intenso, verdadeiro e bonito.

Lembro vividamente quando fomos pra cama na primeira vez, no dia do meu aniversário, ela tinha um fetiche de fazer sexo com um desconhecido, o que fez ela gritar e ter orgasmos intensos, mas depois a reacção. Ela chorou, primeiro disse-me duas coisas, que havia partes do corpo dela que ela nem sabia que existiam antes de mim, e o choro era a culpa pela traição, um choro rápido, nada muito dramático, quando isso aconteceu estávamos os dois completamente nus, um calor abafado num quarto sem janelas, numa cama indígena em edredons macios. Isso me pegou de surpresa, não sabia direito o que sentir, não sabia de quem sentir pena, não sabia mais nada, ela quis e gostou tanto, esse choro rápido não combinava com o meu aniversário. Depois ela acalmou-se e disse: Gilmar, tenho algo para lhe dizer.

Sim, Claudita querida, sou todo ouvidos, respondi, já meio desventurado com ar de parvo.

Gilmar, fidelidade e confiança é o mais importante na nossa relação.

Confesso que achei a cena tão surreal com essa frase que não disse absolutamente nada, apenas dormimos os dois bem agarradinhos, sem pensar em mais nada.

6.3 – O Encontro Com Uma Amiga No Largo De Camões

Um dia, numa de suas reacções estranhas e era assim todos os dias, acompanhei ela até algum lugar na Intendente, em Lisboa, e tal foi a minha surpresa quando ela disse: Aqui não podes ir, vou tomar um chá com minha amiga médica e eu preciso ir até lá, nos vemos amanhã, beijinhos.

Ser amante é ser capacho às vezes, porque nessa relação não pode haver cobranças das partes que se amam, confesso que às vezes não me apetecia mais esse papel, mas eu tava curioso com minha própria experiência, e a queria o máximo de tempo comigo, e isso nem sempre foi possível. Algum tempo depois, pelas voltas de fim de ano, descobri que esses chás e ervas e comprimidos eram as drogas psicoactivas que ela tanto gosta de usar às vezes. Um dia brigamos, ela disse: Mas o MDA é receitado por um médico suíço; eu respondi; sim, um daqueles gajos hippies dos anos 1960 que depois se tornaram médicos.

Mas voltando a cena, nos despedimos e fui na Baixa-Chiado comer alguma coisa. Ali, perto do Tejo, uma cervejinha e tal, tranquilo. Toca o telemóvel, era ela, perguntando onde eu estava, respondi o normal, estava comendo uma francesinha perto do Tejo. Ela perguntou se eu podia ir lá ter com ela novamente, fiquei surpreso mas nem tanto, estávamos apaixonados. Fui buscá-la, no meio do caminho comprei flores para surpreendê-la, e quando eu a vi, estava com uma amiga, também bonita. Atrapalhado, dei as flores pra Claudita-Flores, mas tirei três rosas e dei pra amiga dela. Vi que a amiga ficou espantada com minha reacção, e a Cláudia - Florida não me beijou, nem pegou na mão, percebi na hora, a amiga não sabia do nosso caso, e a Cláudia Coxa (que era a mesma Claudita) não confiava assim tanto nela, mulheres se conhecem, podia rolar uma fofoca e nosso caso ser descoberto, e entendendo

assim, fomos todos juntos tomar um capuchino no largo de Camões. Valeu a pena continuar com o papel de amante, mas eu já começava a me sentir namorado dela, e ela começava a sentir o mesmo, esse sentimento aumentou a intensidade de tudo, inclusive das dores, a rosa azul tava cheia de espinhos.

7.0 – Romance Escondido

7.1 – Os Problemas

Por mais que levássemos isso numa boa, os problemas começaram a ser inevitáveis, como em qualquer relação, mas para nós dois havia um agravante, ela tinha de esconder tudo do marido, ele nunca poderia saber de tudo o que acontecia conosco, com nós dois, afinal de contas, era um relacionamento proibido, um adultério melhor do que nos enredos de cinema.

Um dia eu a vi chorando, perguntei o que era, ela estava muito nervosa; e se ele descobre, não consigo me livrar do teu cheiro, dizia ela.

Sim, nossos cheiros combinavam muito bem, impregnamos-nos de amor, nossos corpos suados, nossa volúpia, nossa intensidade sexual, a flor do pecado, a minha rosa azul, a minha Cláudia-Flores.

Tentei acalmá-la, disse pra ela ir tomar uma duche e comer algo que exalasse depois algum outro odor na pele, e fiz um salmão com frutas tropicais para comermos, ela ficou mais animada, de certeza que ele não descobriu pelo cheiro, foram as atitudes dela que a condenaram, errada por e com todos, até comigo como vim a saber depois, quando eu já estava em Frankfurt.

Lembro quando estávamos no trem, caminhamos até quase a saída da estação Intendente em Lisboa, quando eu fui sair com ela, impediu-me, disse que havia ali outra situação e que não queria magoar-me, ali fiquei mesmo chateado, e vi o que era ter romance com uma mulher de muitos homens. No dia anterior sentamos num café na Gare do Oriente, e ela me confessara que já havia levado para aquele lugar muitos homens.

E o teu marido? Perguntei.

Ele nem desconfia, tem confiança total em mim, por isso posso sair com muitos homens, disse ela.

Lembro de um dos primeiros e-mails dela, dizendo-me que todos os homens a abandonaram, todos. Hoje sei o motivo. Ela, colecionadora de homens, trabalha sua vida amorosa da seguinte maneira: arruma muitos pretendentes via internet, os seduz, os parvos levam-na para passear, torrar um dinheirinho com ela na esperança de comê-la, às vezes conseguem, mas na maioria das vezes não e esse é seu truque, os homens ficam desiludidos, com raiva dela, mas aí já foi, ela já aproveitou-se da situação, os homens já gastaram a levar a rapariga para um lado e outro, e na maior parte das vezes

chateiam-se com isso, com ela, abandonam a Cláudia, mas para ela é bom, segue com sua lista e sua busca de encontrar mais parvos, esse é seu estilo escondido, pois geralmente um não sabe do outro. Comigo foi diferente, eu não tinha muito dinheiro, mas havia reservado alguns trocos para sairmos. Um dia eu estava mesmo liso sem grana, então resolvi lhe fazer uma surpresa, um piquenique no jardim.

Sim, nossa relação andava torta e cheia de problemas por causa da própria situação em si, mesmo assim o romance pairava no ar, pois vi que com o passar dos dias ela procurava ficar mais tempo comigo, deixando de sair por aí com um ou outro, sim, começávamos a gostar disso, mesmo com os espinhos. Quero beber o doce e o amargo, ela disse. Apenas eu não sabia, nós não sabíamos o quanto de fel tinha esse amargo, mas a doçura nos deixava embriagados, éramos cúmplices do prazer e do pecado, e partilhamos também a dor, porque estar juntos daquela maneira também era extremamente doloroso, já estávamos muito envolvidos.

7.2 – O Jardim

Levá-la para aquele Jardim das Rolas, próximo da Gare do Oriente com vista para o Tejo, foi uma das coisas mais bonitas que poderia ter acontecido conosco, para mim foi o momento mais romântico que já tivemos em todo o período em que estivemos juntos, antes e depois, ali foi mesmo mágico, muito especial. Levei-a para o piquenique nesse lugar, nesse verão de Lisboa, em meio a beijos, abraços e sorrisos, ali ficamos mesmo com 16 anos de idade, vivemos nossa adolescência e éramos primeiros namorados, é assim que sentimos naquele jardim português. Ali não havia problemas, cobranças ou cismas, ali era apenas o amor adolescente, apenas o amor, a cumplicidade total, o carinho, apenas nós dois longe das agruras e das cobranças do mundo, comendo sorvete de frutas tropicais, sorvete derretido e sorrisos, vida verdadeira, que sorte tivemos, que saudades daquele dia, quanta pureza.

Guardo esse momento para sempre em mim, em nós, sei que ela fez o mesmo.

7.3 – O Passeio Até O Jardim

Nos encontramos ali mesmo na estação Oriente, na parte bonita e nova da cidade de Lisboa, eu estava no quiosque ao lado da estação bebendo um café, com a mochila nas costas, dentro o piquenique, sorvete, sumo de frutas tropicais, copos, colheres, essas coisas de piquenique doce e criativo para quem andava com pouca grana no bolso, mas o desejo de fazê-la feliz era maior do que eu.

Ela me viu ali, com seu jeito maluquinho de Lolita e saímos logo da estação, caminhamos pela rua do Casino e me lembrei dos telefonemas, de coisas que haviam acontecido ali, ela falando em alemão com o marido ao telefone, tudo isso recordei assim, com o piquenique nas costas e de mãos dadas com ela que nessas alturas a tudo já ignorava, inclusive suas pesquisas, ela só queria ficar do meu lado.

Chegamos no Jardim das Rolas, um lindo jardim novo em que ela nunca estivera antes, mas passeamos por outro jardim como para fazer as preliminares do piquenique, um outro lugar próximo, onde ela cheia de charme e sedução deixava-se abraçar, sempre coxeando, roçando sua perna na minha. Brincávamos disso na rua, ela sempre coxeava-me, mesmo quando apenas caminhávamos, sempre feliz, sorrindo, ela estava apaixonada, isso já estava muito além de um caso, de um *affair*.

Subimos as escadarias do Jardim das Rolas enquanto ela empinava seu traseiro pequeno em mim, deixando-se abraçar por trás enquanto víamos a curiosa formação das flores que nasciam ali naquele verão europeu. Lá em cima, pude ver a maravilhosa vista para o Tejo, a parte nova da cidade, a variedade de flores, um casal de namorados em um dos bancos e vi uma mesinha e banquinhos, o lugar perfeito para que pudéssemos namorar sossegados, um lugar panorâmico, bonito.

Abri a mochila, ela estava curiosa para ver o que eu havia trazido, comecei a colocar tudo em cima da mesa, o sorvete, copos, colheres, o sumo, e abri ali meu coração pra ela, estava difícil ser o amante. Esqueça, estamos aqui apenas nós dois, fique aqui comigo, ela disse.

Ela sorriu, peguei uma colher e abri o sorvete, para minha surpresa estava derretido, e comemos assim mesmo. Coloquei a colher no gelado derretido e servi na boca dela, em seguida nos beijamos, delicioso sabor de beijo frutado, beijo tropical, bem latino. Ela também fez o mesmo comigo.

Falamos ali muito pouco porque deixamos o sentimento falar mais alto, e enquanto estávamos nos deliciando com o piquenique, fomos surpreendidos com o regador automático da relva que havia sido activado. Corremos no meio daquilo, surpresos e animados, o jardim bonito cheio de surpresas malucas. Antes de sairmos dali olhamos mais uma vez para aquela bela vista, mesmo no topo daquele lugar incrível, entre olhares cúmplices e abraços e muito carinho. Ali, naquele lugar, os problemas não existiam, só existia o amor para nós dois apenas, mesmo um lugar cheio de magia.

8.0 – Os Presentes

8.1 – O Bob

Isso também era um problema na hora de dar presentes pra ela, não podia ser um presente muito grande, nada que ela pudesse levar que caracterizasse presentes de amor, nada muito revelador, porque o marido, o corno não poderia saber, no mundo alemão isso não podia aparecer, coisas assim do mundo luso, a vida torta não tinha lugar em Frankfurt para ela, tudo tinha ali o seu rigor, afinal de contas era a sua bolsa de estudos, sua reputação pessoal e profissional que estava em jogo, tinha também a questão dos sentimentos. Tudo tinha de ser discreto, no máximo colares ou pulseirinhas.

E eu, sem noção, comprei um urso grande, o Bob. Ela tem as fotos dele, andávamos de metro com o Bob, um fotógrafo nos viu, fez fotos dentro do

coche do metro, nós três, eu, a Claudita e o Bob. Ela levou-o para dormir ali na sua cama, o Bob, com esse não havia problema, era o meu presente, minha prendinha de amor pra ela.

No outro dia, os problemas. Não posso levar o Bob, ele é muito grande e isso vai dar excesso de bagagens e problemas lá em casa, ela disse. E com muita dor, deportamos o Bob para a África do Sul, imaginamos que ali, nas mãos de alguma criança africana o Bob ficaria bem cuidado, afinal de contas, ursos na África devem mesmo ser uma atracção bem legal, algo exótico, algo diferente que não deveria ser, coisa impossível mas que se tornou possível, o Bob era a poesia de nossa própria relação.

E o Bob partiu.

8.2 – Os Quadros

Fazendo uma limpeza geral em alguns baús antigos de uma casa lisboeta, encontrei alguns quadros antigos africanos, coisas feitas com crinas de cavalo, parecia mais uma macumba. Vi que eram especiais e resolvi presenteá-la, afinal de contas quadros africanos eram arte que não se podia desvalorizar assim, ainda mais encontrados num baú velho de algum antigo explorador português.

Havia ali uns seis quadros, limpei-os cuidadosamente pensando nela, arrumei tudo, fui comprar papel adequado para presentes, queria fazer algo mesmo bonito pra ela, e assim eu fiz, não sem antes comprar um chaveirinho de Bob pequeno e deixar ela levar para que a Ente, a sua patinha mascote que gosto muito, para que fizessem também um par perfeito, mesmo muito diferentes, uma pata e um ursinho, mesmo assim estavam juntos, era o símbolo de nossa relação. A Cláudia-Flores sempre disse que tinha os pés de patos, eu nunca vi isso nela, talvez um pouco, quem sabe, mas que andávamos por aí escondidos, andávamos. Sei que parece não fazer sentido, mas o amor é mesmo assim, sem noção.

Limpei os quadros, tinha a certeza de que ela iria apreciar, afinal de contas era uma professora, alguém inteligente, uma pessoa que realmente iria valorizar aquilo como realmente deve ser, e mais, era um presente, ela não precisaria comprar nada, mais, era pelo gesto. Passei a tarde toda limpando aqueles quadros, escolhi detalhadamente o papel para embalar os presentes, na verdade fiquei um dia inteiro envolvido com aquilo.

Ela apareceu depois de suas pesquisas na minha casa, sempre aparecia igual ao comportamento dos gatos, aparecia e desaparecia, de acordo com seus próprios interesses. Ser amante pra mim era ser usado, mas ao mesmo tempo eu desfrutava do melhor que o marido não podia ou não queria dar, não podia ou não queria ter, que era ali, aquele romance, isso o Arthur preferia com os travestis.

Preparei o presente, coloquei em cima da minha cama, ela chegou já muito perturbada, com um jeito doente e estranho, abriu os presentes, viu os

quadros, gritou, jogou tudo aquilo no chão, numa verdadeira crise de choro e ranger de dentes, ela gritava: Não posso levar isso, não entendes? Mas não era esse o motivo, era a discussão que ela havia tido com o marido fazia pouco tempo.

Fiquei arrasado, uma de muitas vezes, eu havia preparado aquilo com tanto empenho, um dos quadros ela simplesmente quebrou. Ali vi todo o seu stress e sua doença se manifestando, mas já era tarde, eu já estava apaixonado e ela também. Num ímpeto, ela sai correndo de meu apartamento completamente histérica, corro atrás dela, ela acalma-se, eu a abraço na rua enquanto ela começa a chutar as pedras brancas da calçada portuguesa, tenta dar cabeçadas na parede e eu a impeço, ela entre momentos de rápida lucidez e crises, pedia-me para levá-la pra casa, levei-a ao hostel onde ela estava hospedada, o quarto era privativo então não tinha problema.

Fiquei preocupado, ela tinha sintomas de como se estivesse embriagada ou consumido algum láudano ou charro ou alguma droga qualquer, mas não senti cheiro nem nada, coloquei ela lá, abri a porta de seu quarto e saí completamente parvo com tudo o que estava acontecendo, ela tentava fechar a porta do lado de dentro e não esqueço de seu rosto, brigando em alemão com alguém que apenas ela via, num olhar distante e perdido da realidade.

Fui para casa, atónito com a situação, o que ela andara fazendo, o que aconteceu, porque isso, afinal de contas? E chorei por ela amargamente enquanto caminhava pelas ruas de Lisboa, comecei a beber o fel das desventuras da Cláudia, eu também era agora um amante atrapalhado.

Cheguei em casa triste, e a primeira coisa que vejo, ao entrar no quarto, eram os quadros partidos. Não tive coragem de mexer naquilo, fui simplesmente dormir. A Cláudia Flores havia trazido também tristeza, é uma tristeza que carrego comigo enquanto escrevo.

9.0 – No Outro Dia

9.1 – Ela Tinha De Voltar A Frankfurt

No outro dia ela teria de voltar a Frankfurt, por isso a crise da noite anterior. Pela manhã ela não me ligou, ficou em silêncio. Eu recebi sua ligação bem no início da tarde, ela me convidou para nos encontrarmos no hostel onde ela estava hospedada. Fui lá, já com aquela dor que me acompanharia depois no decorrer de toda a nossa relação posterior.

Ela estava tranquila, calma. Me convidou ali entre o miradouro do bairro alto, disse-me que o quarto dela estava vazio, e ela tomaria um banho antes de ir a Frankfurt. Sexo como maneira de se desculpar.

Não era do meu feitio mas recusei a oferta, minhas dores da noite anterior haviam impedido o meu tesão, eu já não sabia mais quem era a Cláudia. Lembro que ela me chamou de estúpido por eu ter recusado seu sexo apertado, cheio de tesão, mas não deu, foi demais pra mim, demasiado. Mas

estávamos ali ainda assim juntos, de mãos dadas, horas antes do embarque dela pra Alemanha. Pedi pra ela para ver uma foto do marido, eu vi. E para minha surpresa, suas feições eram parecidas com as minhas, não muito parecidas, mas haviam traços comuns no rosto. Andar com ela sempre foi uma surpresa atrás da outra, e quando vi a foto, para espanto dela, tive eu um ataque de riso por causa das semelhanças entre nós todos.

Mas deixei pra ela bem claro, eu não era ele, de maneira alguma e de modo nenhum, eu era o outro, o amante, o homem que a fazia feliz de verdade, ela sorriu e me abraçou, sempre com seus beijinhos e seu carinho, um carinho que o marido já não mais podia ter, o relacionamento entre a Cláudia e o Arthur estava chegando no fim depois de 6 anos, era apenas uma questão de tempo e eu sabia disso.

9.2 - O Embarque Dela De Lisboa Para Frankfurt

Ela pediu para eu chamar o táxi, nada de despedidas, mas já estávamos ali, ela me deu um tchau tão triste que engolia o choro, eu não, eu já não continha mais a emoção, sabia que nada mais seria como antes para nós três, eu saí antes do táxi chegar, recusei-me a chamar o motorista que a conduziria para longe de mim, fui embora, fui para a beira do Tejo misturar minha tristeza amante com a mãe das águas antigas.

Ela ficou me enviando mensagens de *sms* até o momento final do embarque, dizendo que queria mais, que nos veríamos novamente, que essa história iria continuar, e foi isso mesmo, ela embarcou para Frankfurt e nossa história de amor continuou.

9.3 – Quando Ela Chegou Em Frankfurt

Quando ela chegou em Frankfurt encontrou a casa suja, uma bagunça, restos de festas, restos de orgias bissexuais, a casa estava uma zona, o marido não estava. Foi a primeira reclamação dela, que teve de limpar tudo, e me disse que quando viu essa situação, ficou imediatamente com vontade de voltar para os meus braços.

Passaram-se alguns dias, e ela me confidenciara que o marido fazia planos de ter filhos com ela e etc, e que tudo estava bem. Me senti traído, pensei que seria melhor deixá-la em paz, mas continuava a me enviar e-mails, dizendo não estar bem com a situação, com o marido, que essa situação não podia permanecer assim por muito tempo, com os maus tratos que ela sofria dele. Concordei, as coisas tinham mesmo de ser resolvidas como eu fiz com a Fabiana, minha namoradinha portuguesa de 19 anos que tive de deixar para estar junto com a Cláudia-Flores, quando ela veio me visitar naquele período de meu aniversário. Sou um amante de princípios, não queria estar enganando a rapariga, andando às escondidas com a Cláudia-Coxa como ela fazia comigo e com o marido, sempre tive minhas relações bem clarificadas, mas com a Cláudia-Florida me perdi. Por via das dúvidas e para não ter tanta confusão, deixei a Fabiana ir, e olha que ela era mesmo bonita e fazia um sexo espectacular, não tinha como comparar nesse ponto as duas, eu gostava de

cada uma à sua maneira, e dei preferência para a amante, ela fez o mesmo comigo, porque logo a Cláudia-Maluca iria começar a fazer o processo de separação, livrar-se do marido, e foi o que aconteceu logo a seguir.

10 – Um Mês Depois

10.1 - Outubro De 2011

Um mês depois que a Cláudia saíra de Lisboa e voltara para Frankfurt, a dor da falta dela era grande, assim como a insistência da Fabiana para que voltássemos a ficar juntos. A Fabiana entregava pra minha vizinha, uma velha senhora portuguesa, arroz de leite, coisa que eu adoro, deixava lá pra mim, essa senhora é que fazia a entrega e eu sempre comi, sempre com esse sentimento estranho, essa coisa do amor português, um amor marinheiro.

Mas eu não podia mais voltar atrás, eu não queria, sou um amante de palavra, eu tinha de dar apoio pra Cláudia-Floresbela nesse processo de separação, afinal de contas eu estava apaixonado e queria ficar com ela, mas fiquei sentido pela Fabiana, eu também gostava dela, mas da Claudita eu gostava mais. Amante apaixonado, me perdi nas curvas dessas Cláudias e ela perdeu-se no meu corpo e no meu carinho, fomos seduzidos mutuamente, sem nos apercebermos. E não me arrependo

10.2 – A Cláudia E A Fabiana

.Enquanto a Cláudia ficava lá cheia de dores com o marido corno, a Fabiana corria atrás de mim, foi muito difícil deixá-la, a Cláudia-Amada não sabia, mas eu gostava tanto da maneira como aquela portuguesa fazia sexo, sempre disponível, sempre pronta, totalmente entregue pra mim, totalmente aberta em todos os sentidos, era diferente o sentimento, era algo mais saudável o que eu sentia pela Fabiana, malhada sempre de academia, incrível como eu não tinha ciúmes dela, eu ligava, se ela estava ocupada não demorava meia hora ela me retornava, nunca recusava nada, topava o cineminha, mas já me dizia logo, cineminha e depois acção, cama, sexo, pegação, e claro, eu simplesmente adorava, como ela era bonita, uma morena clara de cabelos pretos compridos, cacheados, não fumava, bebia pouco, ironia, ela era maratonista, o marido da Cláudia-Coquinho também, são aquelas ironias do destino.

E no fim, deixei a Fabiana para namorar uma mulher de cabelos brancos, vegetariana, corpo nada malhado, não sei como fui me apaixonar pela Cláudia, não sei o que aconteceu. Com a Fabiana não precisávamos nem morar juntos, era só eu ligar pra ela que a rapariga simplesmente deixava tudo o que estivesse fazendo pra ficar comigo, era incrível, e eu a perdi, deixei-a. Ela fazia arroz de leite pra mim, sempre animada, muita gira, sempre com aquela tensão para o sexo, a gaja tinha 19 anos, cheia de fogo, espectacular. Já com a Cláudia-Hide era lindo, toda romance, mas nunca a senti entregar-se completamente de corpo e alma como a Fabiana fez. O sexo também era

ótimo, mas diferente. Mas no mês de Outubro estava eu em Lisboa com o pensamento voltado para a Alemanha, eu apenas queria estar lá perto pra dar amor e carinho pra minha princesa de cabelos brancos, doente e maluquinha, e quero até hoje, pena mesmo ela ser como é, com um extremo egoísmo e oportunismo. Aposto que se eu fosse rico ela me olharia com mais atenção ao sentimento verdadeiro que tenho por ela.

10.3 – Separações

A Cláudia-Flores lá continuava a não se sentir bem com a situação, e eu aqui sem a Fabiana que insistia em correr atrás de mim, longe da Claudita que estava com o marido, de repente eu, que tinha duas mulheres, estava sozinho, é que meu coração estava na Alemanha com a minha amada.

A situação entre eles estava ficando cada vez mais complicada, e eu apaixonado também me sentia mal com tudo aquilo, e disse a ela para deixar o marido, mas não a pressionei, na verdade eu disse para ela escolher, e esperei, eu iria aceitar a decisão dela, seja ela qual fosse, mas se ela ficasse com o marido, eu simplesmente desapareceria da vida dela.

Foi então que depois de algum tempo ela decidiu-se por mim, para ficar comigo, e isso era uma alteração drástica em minha realidade pois eu, lisboeta ir parar em Frankfurt era mesmo algo radical. Uma vida nova perto dela, juntinhos, assim eu pensei, e falei pra Cláudia-Flores que eu ajudaria nas mudanças dela e no que fosse preciso quando ela fizesse a separação, e ela separou-se dele, com violência da parte cornuda, era um homem acostumado a agredí-la, ela nunca me deixou conhecê-lo porque se isso ocorresse certamente nos mataríamos como dois animais pré-históricos, e não era essa a idéia, o propósito era todos ficarmos bem, mas não foi bem isso o que aconteceu, ficamos todos mal nessa história, todos traídos, todos desiludidos, tudo por causa dessa mulher, essa Cláudia.

Eu sentindo falta da Fabiana e da Cláudia-Hide, e a Fabi por perto, mas jurei a Cláudia fidelidade, estava com ela, apoiando na separação dela, junto dela, era essa mulher que eu queria pra vida toda comigo, eu já tinha escolhido e ela também.

A Cláudia saiu de casa, separou-se num dia qualquer desse inverno alemão com o auxílio de uma amiga colombiana, e foi para a casa de uma feiticeira polaca que gostava de fazer experiências bruxulescas com antigas receitas indianas misturadas com drogas modernas, MDA, por exemplo. Essa mulher eu conheci pessoalmente, uma pessoa tipo hippie, alguém perdido nos corredores dos anos 1960 que ainda não terminou sua viagem, vagando entre um mundo mais moderno, mais jovem, um dinossauro, um fóssil vivo, ela jovem devia mesmo ser muito gatinha e maluquinha, é uma pena que a idade chega pra todos, menos pra mim, escritores são sempre jovens e nunca morrem.

Eu disse a Cláudia-Maluca que se ela se separasse do marido, eu iria lá ficar pertinho dela, e claro, pensei em morarmos juntos, ela me ajudaria no

início e tal, depois eu me acharia pela Alemanha e assim eu poderia cuidar bem dela, de pertinho, nesse período eu estava acertando os detalhes do lançamento do livro “ A Taverna de Cronos”, assim que eu acertasse o lançamento, encerraria minha vida aqui e iria pra Alemanha, nesse período a Cláudia ficaria na casa da bruxa, longe dos maus tratos do marido, longe da vida anterior que ela tinha. E assim aconteceu, ela ficou lá na feiticeira e eu comecei a me organizar para ir a Frankfurt assim que eu completasse minhas tarefas em Lisboa, esse trânsito durou três meses, de Outubro de 2011 a Janeiro de 2012.

No dia 27 de Janeiro, dia do memorial que lembra o holocausto, nesse dia eu cheguei em Frankfurt e fui direto para a casa dela, nesse dia ela saiu da casa da feiticeira para um apartamento próprio, apenas dela, da Claudita, e foi para lá que fui, ela me esperou na estação central dos comboios. Lembro que fiz uma despedida rápida de Lisboa saindo à francesa, e nunca vou esquecer da serenata da Fabiana numa noite dessas, cantando o fado em minha janela com sua triste guitarra portuguesa me chamando, volte meu amor ela dizia, e eu não abri a janela, eu poderia ter simplesmente desistido de tudo, mas eu estava decidido, eu iria ficar perto da Cláudia seja ela quem fosse, afinal de contas nós nos amávamos e nos apoiávamos no que fosse necessário, ela entenderia, afinal de contas eu mudaria de País pra ficar pertinho da mulher que eu amava, ela havia largado do marido por mim, eu já não poderia mais voltar atrás, eu era um homem afinal de contas, um homem apaixonado e cheguei em Frankfurt à noite para uma vida nova, ela estaria ali para me dar a sua mão, finalmente ficaríamos juntos, depois de tanta dor e sofrimento por amor.

II – SEGUNDA PARTE – ALEMANHA

Capítulo 2 - As Cláudias

1 – Frankfurt

Mas de todas as Cláudias que haviam dentro dela consumindo-a, governando-a, devorando-a, era apenas a quadra universitária que aparecia para mim em Frankfurt, dentro da Universidade e fora dela. Já na cama, era a Cláudia –Coxa.

Sim, coxeava clandestinamente, manca e esquizofrénica, quizombada, sem estilo ou técnica, peruanamente distorcida entre o aquém do ridículo indiscernível para além de um barroco disfarçado de pintura e genialidade.

Para além da ilusão imaginativa projectada, era no fim apenas Cláudia-Casca-Oca.

Peguei o voo e fui a Frankfurt saindo de Lisboa, ao encontro dela.

1.1- O Voo

Enquanto ela secretamente coxeava com um anão, eu voava todo apaixonado.

De Lisboa para Frankfurt tudo me pareceu agradável e angustiante, ficava eu recordando a sua face ao dizer-me o quanto ela escondia o desgosto de ser professora, em ter de fazer sua teatralidade para esconder o desprezo enfadonho em leccionar para os outros. Isso não é vida, dizia ela. É foder com um professor coordenador aqui para conseguir um benefício ali, um outro aluno rico também para fazer algum dinheiro, arrisco-me muito assim, principalmente com os estudantes; entenda Gilmar que sou alemã de segunda geração filha de imigrantes e não posso decepcionar os meus pais, a sociedade que renego e a família que não tenho, na verdade afastei-me do meu pai e do meu irmão porque violaram-me a inocência virginal quando o meu corpo ainda era assim, infantil.

Um café senhor?

Não, obrigado. Para esse voo, cerveja alemã. A propósito, onde estamos agora?

Sobrevoando Paris, senhor.

Então veja-me um café.

1.2 – Chegada Em Frankfurt

Enquanto meu coração palpitava ao ver a cinzenta cidade de Frankfurt de cima, o avião descia. Fiquei surpreendido com o tamanho do aeroporto e pela organização geral. Por um lapso de momento não pude deixar de pensar que esse mesmo estilo e eficiência fora usado por Hitler para matar milhões de pessoas nos campos de concentração que ainda estavam lá.

E todo aquele mundo agora recheado de imigrantes de todas as cores e feitios. E eu era mais um deles.

Detesto os alemães, dizia a Cláudia. Detesto.

E por quê, Cláudia?

Fodem-me a vida, o sistema aqui é brutal. Eu choro muitas vezes, por uma questão política a sujeitar-me na cama por dinheiro. Ganho pouco, a Universidade não cobre todas as despesas.

Podias trabalhar na Suíça, Cláudia.

Perfeito demais, não posso.

E por quê?

Sou demasiada caracol.

...

Pensava tudo isso muito rápido enquanto eu atravessava o aeroporto com meus sentimentos pensantes. Peguei minha bagagem e fui até a estação do metro. Ao chegar lá escutei uma suave voz feminina tocar em meu ombro e a falar um português de sotaque germânico.

Olá!

Arrepio-me todo com esse sotaque e quase tenho uma erecção, olho ao lado com meu charme latino, e lá está ela.

E não era a Cláudia.

1.3 – Um Inesperado Encontro

Eu falo português, disse a Filipa.

Ela me viu com o mapa na mão e um tanto perdido no mundo alemão, tentando desbravar o idioma desconhecido que eu não dominava, mas ela sim, a Filipa era completamente germânica típica.

Reparei no seu sotaque brasileiro nesse inglês de rua que falas, disse a dama, sorrindo.

Observei melhor o seu corpo, a Filipa era bonita, havia aprendido o português do Brasil com o namorado do novo mundo, a mesma terra de onde vim originalmente, a mesma região inclusive.

Olhamos o mapa, estávamos os dois perdidos a caminho da estação central de Frankfurt já aos beijos e amassos, ela também coxeava-me e assim eu não esquecia da Cláudia. Pensava se todas as nativas germânicas recebiam assim os estrangeiros e vi que mesmo as casadas esforçavam-se elegantemente para recepcionarem os recém-chegados naquela terra onde o sol raramente brilha enquanto as pessoas escondem-se dentro delas mesmas.

1.4 – A Estação Central

Chegamos em Frankfurt na estação central, eu e a Filipa, enquanto a Cláudia procurava-me lá dentro. Bebi meu café sossegadamente com ela ali mesmo onde a dama observava-me com sofreguidão e doçura. Enquanto isso eu pensava no nariz da Cláudia, algo um tanto característico que acusava sua origem andina, Cláudia – Pássaro. Ela por sua vez tinha um inexplicável fascínio pela minha orelha.

É por tua orelha que me apaixonei; disse-me ela numa determinada noite em que estávamos nus na cama.

Pensava enquanto bebia o café coxeante da Filipa até que a vi ali, a Cláudia – Quadra passando pelo quadro quadrado, confundindo-se com a águia nazista que ali estava perfeitamente caracterizada. E ela nos viu.

1.5 – A Três

Vi a Cláudia com flores na mão, para mim. Nunca soube ao certo se ela comprou-as ou havia recebido de um outro amante horas antes, de qualquer maneira o bouquet de rosas azuis caiu no chão quando ela nos viu no café, para breve deleite secretamente transparente em um sorriso discreto e furtivo de Filipa.

Com um toque de coragem magoada, a Cláudia aproximou-se de nós, beijando-me discretamente na boca e segurando a minha mão. Estávamos agora os três na mesa.

Café, Cláudia?

Não, apenas chá.

Que estranha essa situação; disse a Filipa.

Não sei o que dizer, Cláudia.

Não é necessário dizer nada, *“De Marco”*.

Bebemos então o café.

Quero ele para mim, sou a Filipa!

Vais desculpar-me mas o namorado é meu, disse a Cláudia.

Levantaram as duas da mesa num repente, enquanto eu permanecia ali sentado vendo o precioso café alemão ir ao chão. Elas nada diziam, ficaram ali olhando-se face a face como dois animais africanos.

Eu vim por você Cláudia; disse eu por fim enquanto recolhia as rosas azuis do chão. Olhei para as duas, Cláudia e Filipa me estenderam as mãos ao mesmo tempo.

Peguei nas mãos das duas. Ficamos ali os três abraçados por algum tempo e logo a Filipa partiu, seu comboio havia chegado.

E fui eu, após convencer-me de que essa era mesma a maneira de um estrangeiro ser bem recebido por aqueles lados da Europa, estava então a andar na bicicleta vermelha da Cláudia enquanto íamos para a casa dela, vi claramente: Eu realmente havia chegado na Alemanha.

2.0 – Essa Nova Relação

Ela nada disse a respeito do episódio que havia passado à pouco e tampouco demonstrava ciúmes. Enquanto eu atravessava tranquilamente a rua suja cheia de traficantes, prostitutas e mendigos na bicicleta vermelha da Cláudia e em sua nobre companhia, minha pele ia sendo temperada pelo frio nórdico que apenas aqueles lados da terra sabem fornecer, e me perguntei por alguns instantes se eu finalmente havia chegado num país desenvolvido, organizado do primeiro mundo ao passear pela *Kaiserstr*, essa rua em frente da estação central, se esta era a civilização que pretendia ser um modelo forte para a Europa e então eu comecei a compreender, eu latino oriundo do terceiro mundo assentado no primeiro mundo luso-europeu, compreendi finalmente, o motivo pelos quais a cultura alemã é perfeita no seu próprio território, estando a Europa Latina e seus vizinhos mantendo um imenso respeito por esse povo, mas nunca adotando o mesmo gênero ou estilo.

E lá estava eu, Gilmar de Marco, atravessando a ponte do rio Meno de mãos dadas com a Cláudia – Chorona.

2.1 – Na Casa Dela

Consegui abrir a porta do prédio com dificuldades, meus dedos estavam congelando.

Entramos, e após colocar a bicicleta no seu devido lugar, subimos os quatro lances de escadas até o seu apartamento em *Sachsenhausen*, um bairro charmoso e elegante de Frankfurt. Nessas alturas eu já andava com um tesão do caralho.

Um pequeno ateliê de pintura onde a Cláudia – Pintora decidiria se pintaria a minha orelha, eu nunca disse a ela para não magoar, mas de pintora ela só tem o gênio e a loucura, o estilo, técnica e o dom não são o seu forte, seu talento natural é ser musa inspiradora dos escritores, Cláudia – Musa.

Ainda havia ali algumas caixas fechadas, coisas da antiga relação com o Arthur – Corno, partes dele, dela e de outros ilustres desconhecidos que habitavam secretamente os umbrais dessa mudança.

E eu ali no meio de tudo aquilo com ela enquanto despi-se lentamente com emoção, com choro, com tesão de mulher, com loucura enquanto repetia a mim, que já me encontrava nu desde que coloquei o pé porta adentro; dizia-me ela em delírios falando em espanhol, em português, inglês e alemão que adorava, que tinha um gozo intenso apenas de olhar um homem nu que pudesse virar uma cambalhota no meio da sala de estar.

Quase me fodi todo ao virar aquela cambalhota no meio da sala, caindo

no meio das caixas e quase partindo uma costela enquanto no meio de um intenso orgasmo, ela, a Cláudia – Gozada caía em prantos. Ao sentir as coisas assim, resolvi adiar a conclusão de meu doutoramento, visto a Cláudia – Mestreira andar assim, perturbada. De qualquer maneira abracei-a forte, com carinho penetrante e ela acalmou-se depois de morder com força a minha mão.

Por fim, caímos exaustos na cama macia, precisávamos descansar.

2.2 – Na Cama De Madrugada

Ainda nessa mesma noite, na cama dessa dama, vaguei entre sonhos de sol e calor nas praias do Brasil, surpresas e revelações.

Lá fora a neve, menos 20 graus Celsius.

Enquanto eu sonhava tranquilamente com as índias de minha infância, amazonas nuas a cavalo banhando-se sem pudores, reverenciando e sendo a própria expressão da natureza selvagem e feminina, acordo rapidamente cheio de dores no meu ombro.

Aqueles olhos arregalados também indígenas a me olhar com desconfiança e surpresa e a falar comigo em alemão, uma língua que eu não domino mas que entendi por osmose imediatamente. Perguntava-me a Cláudia – Índia quem eu era.

Assustei-me primeiro com a dor, a mordida tinha sido forte, sangrava; e o retrato daquela criança morta de estimação que ela tem colada na cabeceira da cama em nada me ajudava na penumbra daquele quarto.

Como se não bastasse demorei a responder até porque a inusitada situação impediu-me de pensar rápido o que eu devia fazer. O que dizer a essa Cláudia – Desconhecida e em qual idioma? Falo bem o português e o espanhol e uso o inglês apenas quando necessário. Era coisa maluca para Inglês ver, mas respondi em português depois dela gritar e puxar os meus cabelos a espera de uma resposta.

Sou o teu Gilmar, disse a ela calmamente em estranha entonação triste.

Assim dito ela fechou os olhos e dormiu profundamente como se nada houvesse acontecido.

Eu não dormi mais naquela noite.

2.3- Pela Manhã

Quando ela acordou eu fingi estar dormindo, e por ter passado a noite em claro, ao fingir, acabei mesmo por dormir.

Ela estava alegre e sorridente, feliz, extasiada, preparando o pequeno – almoço para nós dois. Chá, a preferência dela. Eu já queria um café forte sem açúcar.

Esse doce veio do Peru, de Lima. Foi meu irmão quem trouxe, é indígena; disse a Cláudia enquanto eu provava do exótico que ali estava.

É bom, apimentado e doce. É quase você Cláudia, mas sem a sua doença de transtorno de personalidade e esquizofrenia.

Eu sou completamente normal, Gilmar. O que é essa mordida no seu braço, meu gatinho?

Foi você, Cláudia – de – Madrugada. Não te lembras?

Mentiroso, saíste à noite enquanto eu dormia e foste mordida por uma puta. Seu cretino!

Como eu poderia sair e voltar do teu apartamento se eu nem tenho a chave, Cláudia?

Essa mulher deu de ombros e me disse:

Fale mais devagar, eu não percebo direito quando falas em português.

E tudo passou a ficar estranho pra mim. Eu já não encontrava mais a Cláudia – Lisboa e vi que para pensar melhor em tudo o que se passava na minha vida e na dela, o melhor era me instalar e dormir em outro lugar, para meu próprio conforto e sossego.

Terminei o pequeno – almoço e com breve ternura ao afagar seus cabelos brancos, disse-lhe:

Cláudia, vou ficar por perto mas vou instalar-me em outro lugar, vou para um hostel.

Já sei porquê, não gostaste do pequeno – almoço que preparei pra nós dois, meu lindo ogo com flores?

Adorei o pequeno-almoço minha Cláudia, mas preciso conhecer melhor a cidade. Se eu ficar apenas aqui, vamos acabar por nos consumir em prazer canibal até a extinção.

Tens razão, amor. Meu avô veio de uma antiga tribo antropofágica, chegou aqui em Frankfurt e se tornou professor de medicina.

Que interessante, Cláudia. E onde está ele agora?

Morreu faz alguns anos ao visitar a sua aldeia nos arredores de Lima, no Peru. Foi comido.

Foi nesse momento que resolvi roubar a primeira bicicleta velha que eu visse pelo caminho e ir logo instalar-me no hostel, enquanto o meu braço ainda doía.

3.0 – Frankfurt Hostel

Terminando o pequeno – almoço já com a consciência duvidosa do que seria àquele doce peruano exótico que eu havia ingerido, peguei minha bicicleta velha e atravessei a ponte do rio Meno em alta velocidade enquanto a neve insistia em cair nos meus olhos.

Vejo aquela paisagem linda, os prédios imponentes, o rio Meno parcialmente congelado, a neve cobrindo tudo. A neve, meu sonho de infância realizado de uma criança nascida num país tropical. Neve, e como era desagradável e decepcionante aquela mórbida beleza de gente branca e sem alma, sem vida, uma bela e morta terra de humanos autómatos com câmeras de segurança por todos os lados, uma terra muito anônima onde todos querem ter tudo, saber de tudo.

Mas eu não podia esquecer dos filósofos, de Schopenhauer e dos grandes que andaram bem ali por onde eu estava. E chorei, e ao rolar as lágrimas no meu rosto estas congelaram e caíram ao frio chão daquela terra como pedras de diamante.

Sequei logo as lágrimas para que meus próprios olhos não congelassem e segui para o hostel que ficava justamente ao lado da estação central, na *Kaiserstr.*

3.1 – Primeiras Impressões

Encostei a bicicleta ao lado de uma grande árvore congelada em frente

ao hostel de cinco andares. Toquei a campainha, enquadrei meu rosto no olho electrónico e entrei.

Tudo tão estranho, eu já não podia mais morar com a Cláudia por questões de segurança pessoal, já tinha eu largado a minha casa e minha vida de Lisboa e agora o meu lar era aquele hostel, meu plano original de ter vida comum com aquela mulher já estava dando pro torto, no meu fórum íntimo sentia que as coisas não estavam a andar bem e fiquei preocupado com a minha imigração, me dei conta de que eu já não tinha um lar fixo nem definido em terra estranha e sem muito apoio de uma dama doente chamada Cláudia, o que gerou em mim um grande desgosto pela situação que se apresentava.

Em contrapartida eu estava curioso para entender aquele povo e desbravar a cidade de Frankfurt com a minha bicicleta velha.

Cheguei enfim ao terceiro andar, na recepção onde fiz o *check-in* e me indicaram o meu quarto, o meu lugar nesse estranho mundo ariano de imigrantes coloridos.

3.2 – O Ambiente

Meu novo lar era interessante, com um fluxo jovem de todos os cantos do planeta, um ambiente charmoso e acolhedor com direito a um piano simpático e boa cerveja. Gostei, a minha sorte adversa não estava assim tão má. Eu estava provisoriamente instalado, mas estava lá com estrutura e condições, o que não modificava a minha situação geral de imigrante, mas era um ambiente em que eu podia respirar e pensar e quem sabe, resolver o que fazer da minha vida.

Apesar do ambiente germânico a língua corrente no meu novo lar era o inglês de mil sotaques, o esperanto que deu certo.

Esse ambiente hostel é típico dos turistas, estudantes, jovens em geral, alguns gênios, pesquisadores, escritores, curiosos e malucos, mas tem sempre esse ar “*teen and cult*”, algo como uma elite cultural não assumida a curtir a boa música e a boa vida num ambiente propício a conhecer pessoas, uma espécie de esquina do mundo.

Assim que descobriam-me brasileiro e português numa única pessoa, eu, *De Marco*; fui surpreendido por duas jovens inglesas ao piano clássico a tocar “*Ai se eu te Pego*”, um *hit* que atravessou o mundo inteiro enquanto ao mesmo tempo seis espanholas próximas da janela cantavam a mesma música, em espanhol. Fui lá agradecer na mesma língua e perguntaram-me onde eu havia aprendido o idioma, respondi que foi na querida Argentina, em Buenos Aires, com uma canadense que era uma bela amante.

Após breve silêncio, começam a cantar uma música argentina, “*Duas gardênias para mim*”. Foi surpreendente ao mesmo tempo que alemães de outras províncias ofereciam-me cervejas comunicando-se em inglês enquanto um norte-americano acompanhava e cantava a mesma música com seu violão, fazendo parceria com as inglesas.

Já embriagado pela boa cerveja alemã e depois de não responder aos insistentes telefonemas da Cláudia, vi ali pertinho uma bielorrussa, pedi para ela me levar até o quarto porque eu já não estava em condições.

Mas eu estou em condições; disse a Anika.

Ela arrastou-me rapidamente para o meu quarto retirando as minhas roupas enquanto as câmeras de segurança a tudo observavam, jogou-se em

cima de mim com força e no meio dessa aventura a cama quebra.

Caímos da parte de cima do beliche em cima de um peruano que estava ali dormindo e na queda quebramos a perna dele. O grito foi múltiplo, de gozo e dor, eu não sabia mais o que se passava, a mim parecia-me coisa do outro mundo, ela no susto saiu correndo e eu voltei a recepção para pedir a troca de quarto sem falar do incidente, deram-me outra chave em um quarto em outro andar, entrei lá e fiquei quieto, pensando em como aquele homem era parecido, praticamente um sócio se não fosse o próprio, o pai da Cláudia.

No outro dia de manhã fui tomar o pequeno-almoço ali na recepção, muita comida e tudo muito bom, perguntei sobre um possível incidente na noite anterior a recepcionista, ninguém sabia de nada.

Eu estava em casa.

3.3 – Uma Vida Alternada

Com as insistentes ligações da Cláudia, passei a ter uma vida alternada entre o hostel e a casa dela, todo dia a atravessar o rio Meno até seu apartamento.

Pensei comigo mesmo onde estava a Cláudia-Lisboa que eu não encontrei no mundo alemão. Cláudia-Frankfurt era tão raivosa, ranhosa, chata e sem-vergonha, puta escondida para manter seu padrão universitário e sua reputação, *re-puta-em-ação* entre os doutores da Universidade de Frankfurt. Tudo ficção e nessa ficção e nada além disso, tudo verdade, quase todos lá já comeram a Cláudia-Comédia.

O mundo alemão é caro, entendi a sua necessidade de privacidade, eu próprio também precisava disso e no mundo germânico isso faz mais sentido do que no mundo luso.

Ela precisava fazer dinheiro, ser discreta e manter as aparências, ter seu espaço particular era fundamental para esse intento, ainda mais agora que o Arthur-Corno não pagaria mais as despesas dela e seus reles caprichos de lolita balzaquiana para foder com lolitos e velhitos de onde sempre angariava alguma indicação ou referência como professora mestra ou artista, a única capacitação real era o que ela tinha entre as pernas, o resto é enredo.

E assim ganhou seu espaço, algo que lhe tinha sido negado por seis anos de seu ex-marido Arthur, seu espaço para seu trabalho intelectual e sexual.

Resolvi, já que estava bem instalado mas em situação provisória, combinar com ela para ficar durante quinze dias em seu apartamento até eu arrumar o meu próprio espaço, eu pagaria metade das despesas até alugar algo mais de acordo comigo em termos de habitação.

Não, nem dois dias. Vais assim ter liberdades com outras mulheres e eu não suporto isso. Eu quero tudo e todo o teu amor, mas tu não tens direito a entrar no meu mundo privado assim, o Arthur já espancava-me por isso, por eu coxear por dinheiro, assim você me deixa louca; dizia a Cláudia – em – Crise, e dizendo isso, puxava-me os cabelos gritando:

Coma-me, coma-me agora!

Não tive outra alternativa a não ser acalmá-la. Rasguei as suas roupas e virei uma tripla cambalhota com ela.

Saí dali duas horas depois com a certeza de que não teria mais o apoio dela para ficar em Frankfurt, fui enganado, iludido e usado. Eu nunca tive o

apoio da Cláudia-Manipuladora-De-Homens e vi que andava eu em migração torta e mal feita por ali, por aquele mundo de alto padrão cheio de situações podres escondidas atrás do anonimato de seus cidadãos trabalhadores.

4.0 – A Cidade

Frankfurt é uma cidade bem organizada, bonita e imponente, rica, com seus planos e boas ciclovias, mas demasiada pobre em termos de arquitectura, tudo demasiado quadrado, redondo ou cilíndrico, muito longe da graça e do charme de Lisboa.

Mesmo assim eu queria conhecer Frankfurt de bicicleta velha, comprei um bom mapa e saí aventurando-me por essa terra das antigas guerras, eu não conseguia deixar de pensar se ao atravessar algumas dessas nobres e elegantes ciclovias que cobrem quase toda a cidade, se ali não há algum cadáver de outros tempos funestos ou uma bomba Norte-Americana, ali mesmo por onde caminham os turistas japoneses a fotografar toda a beleza de uma paisagem fria e hostil, mas interessante, tal qual a Cláudia aparecia agora aos meus olhos.

4.1 – Encontros

Fui até a Universidade de Frankfurt onde a Cláudia trabalha, sempre tive interesse em conhecer esse famoso lugar, até porque sou fã de Schopenhauer e ele está enterrado ali mesmo num cemitério próprio dos homens simples.

Combinamos de ir juntos, eu levei de presente um exemplar da “*Taverna de Cronos*” ao tio “*Schop*” autografado por mim inclusive, fui com a Cláudia – Artista e curti muito a presença dela juntamente comigo ali na beira da cova onde não descansava os pensamentos desse nobre pensador na alma de minha pessoa transfigurada na própria arte literária de minha obra.

Fazia menos 20 graus Celsius, mesmo assim eu retirei as minhas luvas e abracei aquele túmulo, entreguei ali meu livro pedindo para ele novamente acordar. Bem nesse momento salta um esquilo da moita mais próxima, aproxima-se do livro, faz um ganido, um gritinho igual a da Cláudia quando tem um orgasmo, pula em cima das páginas e dá um sorriso antes de novamente desaparecer nas moitas do cemitério.

Ficamos ali os dois, eu e a Cláudia, completamente parvos com tudo aquilo. A alma de Schopenhauer num esquilo, isso foi uma das coisas mais extraordinárias que vivenciei em Frankfurt.

Depois disso fui pra casa de Cláudia-Pintora. Ela ficou inspirada com tudo àquilo até porque lhe dei, a ela; uma dedicatória de capa livresca. E vi ali, aquela linda com sua boina de pintora francesa, toda artista a pintar de verde um pequeno banco que eu havia montado parte a parte e com todo o meu cuidado e esmero de escritor, havia ficado torto.

Ficou torto; ela disse.

Tens razão, a culpa é da minha mão esquerda. Sou canhoto.

Não é isso, é a sua cabeça torta, sua orelha torta, sua vida torta. Vou pintar isso de verde para me lembrar que és um selvagem brasileiro; reiterava ela.

E adormeci ali ao som de “*caminhante, não há caminho*”, em espanhol, enquanto ela seguia com seu trabalho para lembrar de mim.

4.2 – Caminhos

Reparei que meus caminhos em Frankfurt seguiam as linhas artísticas. A minha vida havia se transformado em um trabalho de arte, uma espécie de instalação surrealista e aprendia muito a cada instante e todos os dias com essa experiência que oscilava entre o extremo egoísmo e ingratidão de uma Cláudia com rompantes de extremo gosto, requinte e generosidade e a minha curiosidade em desbravar esse novo mundo dentro desse contexto geográfico e cultural único. Então havia mais extremos ocultos na vida alemã do que aparentava a pretensa harmonia disfarçada de organização social.

Eu comecei a curtir tudo isso. A cada dia eu melhorava o meu inglês e já começava a aprender a língua alemã e a entender o que diziam. Também podia-se comunicar em espanhol e português nessa cidade, afinal de contas há ali mais de oitenta por cento de imigrantes fazendo Frankfurt funcionar da maneira alemã.

E pensar que essa realidade apresentou-se a mim por causa dessa mulher, a Cláudia-dos-Infernos.

4.3 – Desencontros

A Cláudia-Mentirosa aldrabava-me, um dia a vi num café com um colombiano enquanto eu passeava pela cidade. Liguei para ela, vi-a atender o telefone a dizer que estava na Universidade.

Não era pelo café nem pela óbvia verdade que a necessidade esconde, era pela mentira, algo que todas as pessoas tanto condenam e no entanto todos fazem esse exercício humano profano a fim de manter a ordem e o eixo de seu mundo pessoal em funcionamento.

É por esse motivo que o mundo é torto.

Nessa mesma noite senti que era hora de visitar a parte mais noturna, suja e atraente de Frankfurt, o bairro da luz vermelha, a zona dos Casinos, das putas e de tudo o que é legal ou ilícito.

E fui com seis amigos brasileiros e um argentino e aquela bielorrussa que me acompanhava de mãos dadas.

4.4 – Red Zone

Cláudia-Telefone não parava de ligar para o meu telemóvel no início da noite, queria jantar comigo, a sós. E pela primeira vez eu recusei um convite dela. Desliguei o telemóvel e deixei-o no meu quarto, no hostel.

Sáímos todos para conhecer a famosa e mal falada “zona vermelha” de Frankfurt que a propósito era próximo da *Kaiserstr*, mesma rua onde estávamos todos hospedados e agora íamos nos divertir mesmo à grande e à francesa, afinal de contas eu merecia e a Cláudia também à maneira dela, isolada em seu castelo de pensamentos catatônicos, olhando insistentemente para o retrato daquela criança morta na parede e a dizer baixinho: minha filhinha...

E ela ficou assim a noite toda, foi o que me contou Sebastián, o colombiano do café. Fiquei sabendo disso pela manhã quando recebi a mensagem *sms*, meu número ele conseguiu na agenda dela. Como ela não

parava de repetir meu nome naquele estranho estado mental, ele resolveu me avisar. Agradei, dizendo que ele era mesmo um bom samaritano. Ela, a Cláudia-Maluca nunca mais teve notícias dele depois desse incidente, e nem eu.

4.5 – O Passeio Noturno

Enfim começamos, entre uma cerveja e outra a seguir pela *Kaiserstr* em direcção a zona dos puteiros com direito a diversão garantida.

De mãos dadas com Anika, a bela bielorrussa, fiquei ouvindo o meu amigo argentino a cantar em espanhol:

Putá, putá, não vais pôr rosas em meu caixão!

Sempre achei engraçado essa rivalidade tosca entre brasileiros e argentinos, ainda mais eu, brasileiro que viveu com “*los hermanos*” em sua capital, Buenos Aires. No estrangeiro somos todos amigos e em terras germânicas isso necessariamente tinha de ser mais acentuado, afinal de contas éramos latinos e claro, de argentino no meio dos brasileiros na Alemanha só havia ele.

Deliciei-me ao ver as ruas coloridas sob um pesado céu noturno pós – guerra com mulheres de todos os tipos, gostos, nacionalidades e em toda ordem de loucura, desordem e aberrações surreais para deleite especial de Anika que largou rapidamente a minha mão para beijar um travesti nigeriano.

A partir daquele momento vi que Frankfurt era melhor do que a antiga Roma, tinha mais opções e regalias de obscenidades consentidas por todos os policiais paneleiros que patrulham aquela zona.

E vi, como numa revelação messiânica, o motivo pelo qual Frankfurt é actualmente a capital financeira da Europa e a justificativa do Banco Central Europeu em ter sua sede justamente ali; é porque a origem de toda a riqueza alemã nascia dali, o jogo, as mulheres, a diversão legal e ilegal, estava tudo ali, a verdade humana nua e crua; trabalhar duro para satisfazer os apetites internos mais nobres e viscerais, os apetites do ego.

Então aproveitamos todos.

4.6 – Um Prédio Cabaret

Enquanto a Anika foi comer num restaurante vegetariano que servia asas de frango, um pássaro exótico e noturno passava por Frankfurt sorrateiramente, pássaro *Pica-Miolo*, tão exótico e aberrante que é indescritível o seu efeito na literatura.

Então nós os homens decidimos conhecer um apartamento-cabaret, um prédio onde as mulheres alugam os seus atributos a um preço e tempo determinados, o apartamento inteiro era assim e apenas trabalhavam ali as mulheres de todos os cantos do mundo.

O lugar era administrado por um brasileiro, um pequeno traficante local, o que facilitou a nossa entrada no recinto, o prédio das damas.

Entramos nós seis mais o argentino. Belo lugar. Limpo, com ar de fêmeas e com belas beldades femininas, lindíssimas.

O brasileiro *chulo* entra lá todo sorridente a dizer:

Se elas tiverem alguma doença o preço é menor, meus amigos. E ria.

Fomos ao primeiro andar todos juntos, uns rezavam, outros riam, eu

preferia conferir as mulheres, afinal de contas sou “*De Marco*”.

Ambiente propício ao sexo com mulheres espetaculares ali trabalhando, inclusive jovens e bonitas alemãs que precisavam pagar para manterem seus doutorados em dia e tal era o caso da Cláudia, mas nesse caso ela trabalhava em casa, discreta e com clientela fixa assim como alguns clientes em Lisboa, tudo para melhorar a vida e não decepcionar meus pais, meus mestres que me comem e meu *status* social; diria a Cláudia-Ambição.

Fui em todos os andares apalpando uma, olhando as outras, mas teve uma mulher em especial que me via, quieta, tímida, magra, eu podia jurar que era a Cláudia, mas não era, mas poderia ser a irmã gémea que ela nunca teve.

Depois saímos, fomos jogar no Casino de um espanhol, mas vi que o argentino havia ficado lá com alguém naquele prédio dos prazeres.

Se falarem comigo em espanhol, ganham bónus grátis, dizia o dono do Casino. E claro, ganhamos porque eu me comuniquei com ele. E jogamos muito na roleta francesa, perdendo e ganhando, uma orgia de bebida, jogo, máfia e putas, parecia o Brasil. Aproveitamos.

4.7 – Um Lugar Chamado “U”

Saímos dali e fomos dançar num lugar chamado “U”. Não sabíamos bem o que era isso, um tipo de *Pub Underground* de que um de meus colegas havia ouvido falar. Consultamos o mapa e encontramos o lugar.

Descemos as escadas e vimos um anão pernetá e um guardador de casacos alemão, todo gay e caolho onde o outro olho tinha um insistente tique nervoso. Ele se apaixonou na hora por um amigo nosso, foi amor a primeira e única vista até porque ele tinha só um olho e meu amigo, ao sentir e ver aquilo, desapareceu dentro do “U”.

Algum tempo depois encontramos ele com um ar de quem conheceu melhor aquele homem, vi porque ele parecia traumatizado como quem viola um pirata.

Em seguida saímos daquela pequena zona do inferno em direcção ao hostel, onde encontrei a Anika conversando com a amiga, a jovem e bonita alemã Mareika.

4.8 – O Chimarrão

Assim que voltamos vi a Mareika com a cuia de chimarrão na mão. Ela passara quase um ano em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no Brasil, bem no extremo sul, terra que conheço bem, um lugar predominantemente colonizado por alemães, italianos, portugueses, chineses, polacos e japoneses, todos imigrantes e filhos dos ancestrais do velho mundo, de certa forma ali é a Europa do Brasil, uma exótica sucursal.

Mas o chimarrão é indígena, típico dos *Guarani*, índios que montavam a cavalo e que por milénios habitavam aquela região e bebiam essa erva, um chá verde sem açúcar que inexistia na Europa e principalmente na Alemanha. E a Mareika ali bebendo chimarrão, esse chá afrodisíaco. Ela me olhou já com o efeito estimulante da erva e senti imediatamente que um sexo espectacular estava ali garantido.

Posso beber um pouco, Mareika?

Claro, eu “*adorar*” os gaúchos; dizia ela em português de sotaque

germânico.

Sou todo teu, querida.

Tem de ter “*camisinha*”, *De Marco*.

Comprei uma caixa de preservativos alemães, minha flor; reiterarei.

Yá, assim também pode beijar na boca; disse a Mareika-Marada. Tomei mais um pouco do chimarrão e saímos furtivamente até o quarto dela não sem antes começar as preliminares no corredor, para deleite das câmeras de segurança.

4.9 – O Dia Seguinte

Acorda-me a Cláudia perguntando se eu estava bem, eu falava com ela com a cabeça entre as pernas da Mareika dizendo que sim, que logo iria vê-la. Ao desligar ela acorda e me pergunta se era a namorada e eu disse que sim, então ela solta um suspiro de alívio e diz:

Que bom, assim não preciso te convencer de que sou também tua namorada, e riu toda brincalhona. Nesse momento eu pensei:

Realmente, de perto ninguém é normal.

Depois fomos comer o pequeno-almoço, e pra minha alegria encontro todo o grupo da noite na mesa. Fizemos o desjejum em conjunto, era ali mesmo a minha casa alemã, mas no fundo eu sabia que isso não iria durar para sempre, eu tinha de resolver a minha situação como imigrante e também acertar os ponteiros com as Cláudias, as coisas andavam bem mas andavam tortas e cedo ou tarde isso teria de ser resolvido, o desfecho dessa história.

5.0 – O Que Fazer

Como estás, Gilmar de Marco?

To todo fudido a andar aqui por amor e sem lar como um cigano.

Quem me fez a pergunta era o Marcus, o recepcionista do hostel. Nos comunicávamos em inglês e ele me ensinava um pouco de alemão nos tempos livres.

Tudo isso por causa de uma buceta, uma cona? Isso não pode ser, é por isso que nós alemães temos uma das melhores cervejas do mundo, pra não ficarmos assim tão obcecados pelas mulheres alemãs que aliás, são terríveis. Ciumentas e vingativas, egoístas, querem tudo para elas. É por isso que essa é uma terra de solteiros; explicava-me Marcus, sempre bem disposto e com um sorriso no rosto.

Mas isso não mudava a minha situação, eu precisava me resolver, o que fazer comigo, da minha vida real que já apenas existia em arte, em pintura, em literatura, o que fazer dessas mil e uma Cláudias? De certeza que não vão acreditar ser essa uma história real, mas também a ficção passa nesse enredo, temos aqui a minha vida e a dela, essa estranha mulher que me virou a cabeça por da sua além do seu belo e pequeno rabo.

De qualquer maneira eu não sabia ainda o que fazer, então resolvi dar um passeio e vi que o pneu de minha bicicleta estava furado. Fui ainda de manhã na Cláudia-Informação, ela conhecia um bom ciclista, um homem que conserta bicicletas, me deu o mapa e fui até lá de trem, eu levando a bicicleta para passear dentro de sistemas de linhas férreas alemãs.

E encontrei o lugar, era ao lado de uma garagem onde a Cláudia-Bruxa

havia se entupido de metanfetaminas no meio de uma orgia de fim de ano juntamente com seus alunos. Sei disso porque ela dias antes apresentara-me a velha feiticeira hippie, a tia *Ganzabásia*, essa polaca de nome esquisito, tudo isso eu ia observando em meus pensamentos ao seguir nessa missão de consertar o pneu furado de minha velha bicicleta roubada que ganhei de presente dessa Cláudia – Ladra.

5.1 – O Conserto

Enquanto o pneu furado daquela bicicleta era a metáfora de minha própria situação existencial naquele momento, e procurando uma saída e resolução, escuto o homem que atende dizer assim, em inglês, para mim:

Conserte você a bicicleta!

Isso para mim era novo, como eu deveria consertar meu próprio problema de pneu furado se ele era mais qualificado para resolver a situação do que eu?

Respondi a ele:

Amigo, vim aqui para você consertar o meu problema, por quê achas que eu mesmo deva consertar o meu pneu furado, sendo que você está aí para isso?

Ele me olhou e respondeu em alemão:

Esse é um novo conceito, se queres viver aqui tens de resolver você mesmo o seu problema, mesmo que eu seja mais qualificado. Eu te dou as ferramentas e a estrutura, o conserto é contigo.

Fiquei surpreso e comecei a arrumar a minha bicicleta que consertei em trinta minutos para espanto desse homem que me observava. Terminei o conserto com sucesso profissional e ele logo me perguntou:

Entendeste o conceito?

Entendi amigo, e agora sei porque você não se tornou médico cirurgião e sua loja está vazia.

E fui embora montado na minha bicicleta.

5.2 – A Praça

Passei e resolvi parar perto daquela linda praça de árvores congeladas onde os esquilos alegremente brincavam.

Chamou-me a atenção de uma estátua de um nobre homem com fezes de pombos congelados em sua cabeça de bronze a fazer uma posição de equilíbrio com as mãos, próximo da *Kaiserplats*, ou Praça do Imperador, onde imperava apenas as árvores congeladas, pombos e esquilos e àquela sombra humana em metal.

Mesmo assim a praça era bonita e resolvi ficar ali um pouco, mas apenas um pouco para não congelar, para ver se o frio me dava uma resposta, algum sinal místico enquanto um estranho pombo caolho sobrevoava a minha cabeça. E esse pombo tinha razão, eu precisava ver mais.

6.0 – Planos

Lembrei que meus planos passavam pela Cláudia, essa mulher-mosaico, apenas um conjunto de partes, mas diferentemente de

Frankenstein, ela não era uma unidade e nesse sentido era pior do que o monstro alemão do qual já nem as crianças demonstram medo.

Tínhamos planos juntos e ela simplesmente sabotara tudo, nossos filhos que não vão nascer, o apartamento que não temos juntos, a meiguice e o amor dela transformados em mera ambição e prostituição de corpo e ideias.

Ela perdera totalmente a inocência e ficou nojenta e ranhosa, porca de uma maneira que nem o filósofo Hegel suportaria, pérolas aos porcos, ele diria.

Fico surpreso como ela ainda conseguia leccionar, acobertar-se com seu ar genial que na verdade escondia toda a demência do seu ser, sua doença e corrupção, essa Cláudia-Clandestina.

Essa mulher brincalhona de ar infantil, essa Lolita de cabelos brancos universitária era apenas uma mulher problemática que tentava desesperadamente fugir de sua própria pobreza intelectual e moral, buscando um lugar ao sol, mas nem por isso ela estava menos lambuzada e suja.

Usou-me, essa colecionadora de homens, de festas particulares e drogas escondidas, de bruxarias psicodélicas disfarçadas de arte, de ar profissional, a capa da mestra.

Ela fez tudo isso porque me amava, um amor louco, profundo e insano além de todas as convenções e normas estabelecidas. Todos queriam comê-la, era como cristo que dizia : *Venham a mim e eu vos aliviarei*; mas nenhum homem estava disposto a suportá-la e a amá-la como somente “*De Marco*” sabia fazer.

E quando o pombo caolho que provavelmente fora atacado pelo exótico pássaro indígena *pica-miolo*s foi embora todo sorridente como quem diz “*você se fudeu, meu irmão*”; me dei conta de que eu precisava de um plano, tanto de permanência na cidade quanto de fuga.

Sim, era mesmo provável que eu tivesse de fugir da Cláudia, afinal de contas eu já não me sentia muito à vontade com a situação que ela pintara para mim e para a vida dela.

Então para formar o meu plano e me resolver, fui ao Casino.

6.1 – O Casino

Só de me aproximar meu coração já palpitava com o ambiente lúdico, de lindas mulheres na porta e o dinheiro rolando à vontade, pessoas perdendo e ganhando fortunas. Sempre que ando por esses lugares sinto-me como *Dostoiévski*, o jogador. Gilmar-Dostoiévski.

Mas eu precisava falar com meu amigo. Sim, grande surpresa, tenho amigos na Alemanha, em Frankfurt. Essa é a beleza de existir tecnologias e computadores.

A Cláudia não sabia desses meus contactos, tem coisas que só fazem parte do meu mundo, Gil-mafioso. Com as conexões que tenho dentro do Banco Central Europeu não foi difícil conseguir uma breve reunião com o dono do Casino, meu velho amigo de outros tempos na Colômbia, ele, eu e Pablo.

Fui falar com “*El Español*”.

6.2 – A Reunião

Como bom anfitrião, a reunião foi feita nos fundos do Casino. Sempre fizemos assim para não esquecermos o velho estilo, a antiga forma de estar de

outros tempos para lembrar do nosso jeito latino.

Ele estava no ramo certo, era divertido falar com *El Español* em espanhol estando ali em Frankfurt e depois de tanto tempo sem nos falarmos pessoalmente. Mas estávamos juntos novamente, nossas conexões de amizade. Seu fiel amigo e capataz Pablo nos observava e claro, *El Español* colocou *El Pablito* à minha disposição para qualquer coisa que eu precisasse.

Preciso de um lugar para morar.

Só isso, amigo? Tenho aqui cinco apartamentos e dentro do Casino mais cinco quartos. Escolha o que quiser, tenho de ir agora para outra reunião. Se quiseres gajas, *chicas*, fale com o Pablo. *Hablamos después*, sorte amigo; e assim despediu-se rapidamente de mim *El Español*. Ficou ali o Pablo, já colocando-se à disposição para guardar a minha porta caso eu ficasse no quarto.

Era interessante a idéia de morar dentro de um Casino, num quarto todo mobiliado e equipado. Eu precisava pensar. Ficar ali por causa de um amor doentio de via dupla, por causa de “*Cláudias*” poderia me deixar doente de amor, psicótico, estranho.

Sentia dentro de mim que a doença dela já começava a me afetar e eu teria de superar isso.

Então voltei ao hostel para beber mais uma cerveja com a Mareika, a alemã mais brasileira que já conheci.

Era bom andar por ali, por esse mundo reunido, uma reunião que dentro da Cláudia-Mosaico nunca poderia haver coesão, afinal de contas ela era o padrão dela mesma e nesses termos cedo ou tarde essa dama que tanto amei acabaria por enlouquecer, era questão de tempo, alguns anos, algumas décadas para se expressar em arte como em estilo auto-padrão de ajuda inútil configurada na representação do objecto sem unidade de seu próprio sujeito, de si própria, sem núcleo, orbitante e sem alma. Cláudia-Avariada.

Teria de começar eu a desvencilhar-me dela aos poucos e para isso escolhi dois filmes para olharmos juntos de nomes “Antes do Amanhecer” e “Antes do Anoitecer”, e assim lá fui eu de novo na casa dela com a minha bicicleta velha passeando com os filmes.

6.3- Um Cliente

Após estacionar devidamente dentro dos padrões alemães a minha bicicleta roubada e num golpe de sorte vi a porta do prédio em aberto, entrei. Fiquei feliz, assim eu poderia fazer uma surpresa para a Cláudia-Movie, afinal de contas os dois filmes eram muito bons e para agradá-la resolvi aparecer por ali sem avisar.

Reparei que a porta do apartamento estava aberta, na verdade apenas encostada. Não entro imediatamente, escuto a conversa em alemão, as aulas com o *barman* Marcus já me permitiam entender o que diziam, e vi que a Cláudia-Distraída tinha ali um cliente.

Vi que a conversa estava ficando mais quente, não me aguentei e entrei. Vi o *Yohan* (escutei o nome na conversa entre os dois) nú com a verga dura em cima de um colchão velho de casal que estava no chão da sala enquanto a Cláudia-Fotógrafa andava ali entre “*clicks* e *clicks*” a coxear histericamente enquanto bebia sumo de maçã aos gritinhos de esquilo.

De tão concentrados, não me viram imediatamente.

Quando finalmente nos olhamos, os três, ela corou de vergonha europeia e entrou em um choro desesperado triste, de mulher sem máscara. Eu ainda estava com os filmes na mão. *Yohan* vestiu-se rapidamente e disse a ela que voltaria quando estivesse mais livre.

Por breves instantes fechamos a porta. O choro dela aumentou e num rompante puxou os meus cabelos. Naquele momento entendi perfeitamente o motivo pelo qual o Arthur a espancava diariamente quando, após um dia intenso de trabalho burocrático no banco, era recebido em casa pela Cláudia-Maluca. Não era pela sua cultura oriunda do Azerbaijão e do mal feito que aliás ele tinha, pelo que a Cláudia-Fofoca me contava. Arthur-Corno agia daquela maneira porque ficara doente de amor.

Mesmo assim eu apenas a abracei e a acolhi no meu peito enquanto deitava-a no colchão velho por cima de quatro cédulas de cinquenta euros e umas moedinhas.

No outro dia, ficou combinado que aquele colchão velho também era meu.

Sumo, meu amor?

Não, Cláudia. Sumo eu.

Bebemos juntos.

Os filmes, veríamos em outro dia.

7.0 – Decisões

Fui para Frankfurt como imigrante para ter uma vida normal, partilhar um grande amor e trabalhar e vi que ao lado da Cláudia, das Cláudias, isso seria impossível. De todas elas não achei a Cláudia de Lisboa por quem eu me apaixonei, ela não estava na Alemanha, talvez essa versão dela apenas existisse em Portugal, mesmo assim ainda era uma versão corrupta e doentia dela mesma. Por mais que eu tenha aprendido com essa mestra louca, a marca que ela deixa nos homens é apenas de dor e ela não pode evitar isso, faz parte da sua própria natureza esquizofrénica.

Quando ela era agredida pelo Arthur e muito antes pelo pai mas isso não vem ao caso mas é importante para entender um pouco de sua personalidade violada e dissociada, o bancário-corno sempre repetia-lhe a frase:

Eu não sei por quê estou lhe agredindo, mas você sabe porque está apanhando!

Enquanto eu ia tomando as minhas decisões e comendo um pão com carne numa das feiras de rua da cidade, não pude deixar de pensar que essa poderia ser a frase de um livro. Ignóbil frase, mas com bom efeito de estilo.

7.1 – Orbitando

Ficar orbitando assim em volta da Cláudia-Astronauta me permitia viver um grande conjunto de situações que de outra maneira seria impossível.

Assim aprender ficava mais divertido mas sempre com esse toque de espinhos, de maneira indirecta fomos assim conhecendo juntos a nós mesmos, pena que infelizmente ela começava aos poucos para mim a transformar-se em uma ovelha ranhosa.

Cláudia-Ovelha, *béééééé!*

Assim, vou concluindo os meus planos que agora teriam mesmo de ser apenas meus, o impossível tornara-se possível e agora éramos parte um do outro, andávamos dentro um do outro como ninguém mais na face da terra conseguia, éramos simplesmente nós mesmos, eu e ela. Quanto mais eu a conhecia, mais desconhecida ela parecia aos meus olhos, quase uma estranha e eu comecei a sentir-me como um pelicano num ninho de pardais albinos.

Resolvi então que precisava fazer uma bruxaria.

7.2 – Feitiços

Sim, só poderia ser isso, eu estava enfeitiçado pela Cláudia-Bruxa, a criança morta na parede e os bonecos vodus que ela tanto cuidava agora faziam todo o sentido. Para eu conseguir decidir correctamente o que fazer das nossas vidas, precisávamos de uma sessão de magia, invocar diabos e coisas do tipo.

Vou falar com a feiticeira polaca; disse-me ela, a Ganzabásia.

Alguns dias depois de finalmente termos tido algum tempo para olharmos os filmes que eu deixara na casa dela e de sentir nos olhos daquela criança morta colada na parede que a minha relação com a Cláudia estava terminando, falei para a Cláudia-Defunto:

Fico com essa impressão de que é a última refeição de um condenado que me serves. Condenaste o nosso amor, Cláudia. Sufocaste com força o meu coração partido, por que és assim e por quê fizestes isso comigo, contigo, conosco, com os outros?

É da minha natureza, não posso evitar; disse-me ela.

Sinto dentro de mim um grande vazio e desgosto, um desprezo total pelo meu trabalho na Universidade que tenho de cumprir com esmero e falsas gentilezas e alguns favores sexuais para me manter viva e com dignidade no mundo alemão, sempre com esse esforço de estudante. Mas me sinto morta por dentro, morta; reiterou a triste Cláudia.

E ao terminar de explicar-se, essa Cláudia-Morta olha novamente na parede aquela criança, aproxima-se, beija-a com ternura e diz:

Gilmar, esta sou eu, mas ela também é a minha filhinha.

Eu nada disse, apenas observava a tudo com ar de parvo pensando em mim, afinal de contas o que eu fazia ali com uma mulher perturbada, inteligente, poliglota, pobre e puta em Frankfurt? Essa mestra de mil disfarces em mil e uma personalidades? Quanto mais eu iria aguentar?

Já falei com a bruxa polaca, vamos fazer uma sessão de feitiços depois que eu sair da Universidade e corrigir os trabalhos dos alunos.

Ok; Cláudia, tá combinado. Eu preciso voltar para o hostel agora, tenho de comer algo lá.

Ela nada disse, apenas despiu-se e deitou-se na cama, e bem de leve encostou o seu pé-de-pato na minha virilha convidando-me para ficar mais um pouco, para comê-la à moda dos latinos. Assim eu não resisto, e passei a noite toda lá com essa Cláudia-Gostosa.

De manhã voltei para o hostel, ela saiu cansada e atrasada para o seminário, ao fim desse dia entraríamos em contato para acertarmos os horários com a bruxa polaca.

Marcus já estava de saída, o *barman* tinha o seu turno nocturno, já era de manhã quando ele me viu chegar, sorriu e deu uma piscadela enquanto

passávamos pelas escadas, porque mesmo por motivos diferentes ele soube que ficamos os três acordados naquela noite e todos nós ganhamos com isso.

Na recepção o café-da-manhã ainda estava sendo servido para a minha sorte, afinal de contas eu estava cansado e com um enorme apetite para saciar.

E enquanto eu mordiscava o meu pão ainda com os ares do sabor do amor nocturno, furtivo e intenso, não pude deixar de pensar que essa vida que agora eu tinha era em boa parte culpa da Cláudia e o meu castigo e recompensa era ser conivente com tudo isso. Mas eu sabia que a situação não poderia ficar assim para sempre e vi que a bruxaria teria mesmo de ser necessária para resolver tudo.

7.3 – O Ritual

Quando ela me telefonou ao fim do dia, disse-me que a feiticeira polaca poderia fazer o ritual, mas isso teria de ser muito discreto e em segredo.

Não posso falar sobre o filósofo Kant para estetas finos e corrigir os trabalhos dos estudantes e depois descobrirem que ando assim aos feitiços, Gilmar.

Tudo bem Cláudia, seremos discretos.

O ritual seria organizado pela bruxa polaca, por mim e pela Cláudia, com a participação de mais algumas pessoas de ares psicodélicos.

Acertamos tudo para aquela mesma noite e fomos todos para a feitiçaria, mesmo pertinho da Universidade e do túmulo de Schopenhauer.

Entramos todos na casa da bruxa, iríamos nos divertir ali a sério, teríamos as nossas respostas e nossos caminhos estariam resolvidos.

Ela nos recebeu bem, já sob algum efeito psicodélico o que deixou o grupo mais tranquilo e reunido, animado.

A cláudia estava animada, ela adora essas coisas bizarras, secretas e escondidas, quase pude sentir o seu orgasmo à distância por causa da excitação do momento, a euforia, o ritual mágico.

Fizemos um círculo de mãos dadas e começamos os Cânticos Indianos, Babilónicos e Persas num local sagrado que parecia-me ser uma antiga garagem. E enquanto o ritual se desenvolvia escutei os seus gritinhos de esquilo.

O ritual foi num crescente e as pessoas começaram a incorporar santos e diabos, e a Cláudia se transformou na filha de Afrodite.

Eu continuava a ser *“De Marco”* e tudo começou a ficar bonito, colorido, estranho e confuso com as pessoas tocando-se em estado de êxtase místico Sufi, eu próprio tive visões do futuro e revelações inéditas por causa dessa bebida mágica, água com metanfetaminas(mdma).

Não sei ao certo quanto tempo o ritual durou nem quando todos andavam por ali nus como autênticos pagãos, mas tudo foi revelado, tudo mesmo. Eu estava com a alma livre, eu precisava apenas libertar-me da Cláudia, essa mulher que me conduziu para os extremos do bem e do mal, esse animal escondido pela máscara do conhecimento romântico e científico, candura de feminilidade tímida, havíamos perdido a inocência e nada mais seria como antes.

7.4 – O Bilhete De Autocarro

Depois desse ritual decidi ir embora da Alemanha e para esse intento comprei um bilhete de autocarro que sairia de Frankfurt até Lisboa, passando por França e Espanha. Era a minha primeira viagem desse tipo, longa, eu acostumado a deslocamentos rápidos pelo espaço e pelo tempo em voos *low cost*, vi-me agora comprando um percurso difícil, tão difícil quanto deixá-la, afinal de contas essas mil e uma Cláudias é o que caracterizava a Cláudia-Única.

Comprei o bilhete e chorei, mas tinha de ser feito. Minha decisão já estava bem fundamentada, eu precisava reconstruir a minha vida em Lisboa, essa cidade que recebe e acolhe boa parte dos alemães no verão, os chamados povos nórdicos querem e precisam daqui, descongelando-se para a alegria inigualável de ser lusitano, esse gosto que a Cláudia-Lusa tanto bem conhece a ponto de termos nos comunicado na maior parte do tempo em bom português.

E estava na hora de eu voltar ao meu mundo português, “*De Marco*”; europeu de sangue brasileiro. Europeu lusitano-latino.

Quando eu mostrei o bilhete a Cláudia ela também chorou, culpando-me por tudo de mal que corria na vida dela. Naquele momento vi e tive a certeza de que eu havia feito a escolha certa, acalmei-a fazendo carinho com ternura em seus cabelos brancos até ela dormir abraçada em mim.

8.0 – Caminhando

Nos últimos períodos que antecederam o meu retorno a Lisboa, circulando entre o hostel e a casa da Cláudia, comecei a ficar no apartamento dela por um período de tempo mais longo, principalmente nas noites. Ela havia parado de se prostituir e de drogar-se com estimulantes e nunca a vi e a senti tão morta como nesses dias. Havia também desligado o telefone e quase não comparecia mais na Universidade.

Fiquei preocupado, comecei a cozinhar para ela que preferia pratos vegetarianos, essa maneira que eu tive de demonstrar carinho animou-a um pouco, mas por pouco tempo.

Sempre pela manhã ao pequeno-almoço quando estávamos juntos ela colocava uma música em espanhol que entoava no refrão “*caminhante, não há caminho*”. Na primeira vez que escutei aquilo chorei de tristeza, eu não precisava passar por toda essa situação, mas eu estava lá, por ela, por amor, um amor profundo e verdadeiro além de todas as convenções estabelecidas. Ela tinha o meu coração e eu o dela. Éramos um do outro, e por isso mesmo eu precisava partir, deixá-la.

9.0 – Relembrando

Tudo tinha dado para o torto, não foi assim que eu e ela combinamos que seria. O plano era ficarmos juntos, é por isso que fui para a Alemanha, por ela.

E agora tudo estava diferente.

Gilmar, eu tenho mais dois amores, consegues ir além disso?

Não Cláudia, não consigo; nem dançando quizomba.

A revelação fora terrível para mim, senti-me naquele momento o próprio

Dom Quixote. Eu tinha mesmo de partir, chegara ao fim dos meus moinhos de vento.

Onde será que foi parar aquela Cláudia de Lisboa que tanto amei e fui amado, aquela mulher que se divertia comigo por Alfama e por onde dançamos pelo bairro alto, tortos de tanto bebermos caipirinhas, de amores de noites longas e intensas, e principalmente o comprometimento comigo, afinal de contas ela sempre fez questão de dizer que deixara o marido por mim, onde estava a Cláudia-Comprometida comigo?

Eu não a encontrei na Alemanha, restava-me apenas voltar a Lisboa, sozinho e com ela dentro de mim, nas minhas memórias.

E vi, espantado, que eu era a Cláudia.

Índice

I – PRIMEIRA PARTE – PORTUGAL

1- Capítulo I / Enquanto Ela Existia Antes De Mim

1.1 - Seu Histórico De Amante Atrapalhada

1.2 - Amantes

1.3 - Antes Do Ato, Éramos Amantes Virtuais

2– Encontro

2.1 - A Expectativa De Um Amor Proibido

2.2 - O Encontro

2.3 - O Primeiro Passeio Em Lisboa

3– Encontros

3.1 - Nossos Encontros Nesse Verão De Lisboa

3.2 - Os Passeios

4– O Sexo

4.1 - Como Combinamos O Ato

4.2 - No Dia

5– No Outro Dia

5.1 - O Dia A Seguir Ao Meu Aniversário

5.2 - Fiquei Reflectindo Sobre Nós

5.3 - Quando Ela Voltou Do Minho Passando Pela Espanha

6.0 - Comportamentos Estranhos

6.1 - Quando Eu Comecei A Perceber Suas Reacções

6.2 - Quando Estávamos Juntos Em Nosso Passeio Por Lisboa

6.3 - O Encontro Com Uma Amiga No Largo De Camões

7.0 - Romance Escondido

7.1 - Os Problemas

7.2 - O Jardim

7.3 - O Passeio Até O Jardim

8.0 – Os Presentes

8.1 - O Bob

8.2 - Os Quadros

9.0 - No Outro Dia

9.1 - Ela Tinha De Voltar A Frankfurt

9.2 - O Embarque Dela De Lisboa Para Frankfurt

9.3 - Quando Ela Chegou Em Frankfurt

10 - Um Mês Depois

10.1 - Outubro De 2011

10.2 - A Cláudia E A Fabiana

10.3 - Separações

II – SEGUNDA PARTE – ALEMANHA

Capítulo 2 - As Cláudias

1 – Frankfurt

- 1.2- O Voo**
- 1.3- Chegada Em Frankfurt**
- 1.4- Um Inesperado Encontro**
- 1.5- A Estação Central**
- 1.6- A Três**

2.0 - Essa Nova Relação

- 2.1 - Na Casa Dela**
- 2.2 - Na Cama De Madrugada**
- 2.3 - Pela Manhã**

3.0 - Frankfurt Hostel

- 3.1 - Primeiras Impressões**
- 3.2 - O Ambiente**
- 3.3 - Uma Vida Alternada**

4.0 - A Cidade

- 4.1 - Encontros**
- 4.2 - Caminhos**
- 4.3 - Desencontros**
- 4.4 - Red Zone**
- 4.5 - O Passeio Noturno**
- 4.6 - Um Prédio Cabaret**
- 4.7 - Um lugar chamado “U”**
- 4.8 - O Chimarrão**
- 4.9 - O Dia Seguinte**

5.0 - O Que Fazer

5.1 - O Concerto

5.2 - A Praça

6.0 - Planos

6.1 - O Casino

6.2 - A Reunião

6.3 - Um Cliente

7.0 - Decisões

7.1 - Orbitando

7.2 - Feitiços

7.3 - O Ritual

7.4 - O Bilhete De Autocarro

8.0 - Caminhando

9.0 – Relembrando

Sinopse da Obra

Essa é uma segunda edição e é a primeira vez que incluo a sinopse, completamente clandestina e livre, mas como sou o autor da obra e detenho os direitos autorais do mesmo, num ode à liberdade de expressão, faço 10 pequenos exemplares, a título de colecionador. As obras não terão cunho comercial enquanto estiverem em minhas mãos, mas os futuros donos poderão fazer o que bem entender com elas. Todos os exemplares serão assinados por mim. A História foi escrita como ficção, mas baseada em fatos reais. Essa história aconteceu comigo entre 2011 e 2012.

Se bastasse amar, as coisas seriam muito simples. Quanto mais se ama, mais o absurdo se consolida. Encontramos-nos todos desventurados e atrapalhados diante das vicissitudes do amor. É este que deveria trazer a realização traz o desatino e a confusão. Marcas de nosso tempo.

Gilmar, filósofo e aventureiro brasileiro, vaga pelas ruas da velha Lisboa em busca de inspiração. Claudia, cidadã alemã, filha de peruanos e professora de arte, busca os segredos do surrealismo português. Um encontro como tantos outros acaba gerando a mais básica das atribuições humanas. O amor é inesperado e age como uma febre. Claudia, porém é casada e a partir daí os infortúnios e as trapalhadas sucedem-se continuamente. Isto é a vida real ou um roteiro de uma peça de teatro do absurdo? Gilmar também é comprometido com Fabiana e o marido de Claudia tem um amante travesti. Seriam obstáculos? Nada disso. Fabiana é apenas uma voz perdida tentando alcançar o balcão de um velho edifício e Arthur, o marido de Claudia é apenas uma voz em um telefone celular. Ou seja, não passam de sombras de pessoas distantes e assim Gilmar e Claudia tornam-se amantes.

Na simplicidade do amor tudo se complica.

Claudia troca o marido pelo amante e Gilmar troca Portugal pela Alemanha. É então que outra Claudia se revela. Uma Claudia imprevisível, capaz de ataques de fúria tresloucados. Drogada e idiossincrática. Gilmar custa a reconhecer esta outra Claudia que desperta no meio da noite e lhe ataca a mordidas, totalmente alienada. Amor é apenas outro nome para insanidade.